

TRÊS POR QUATRO

Jornal Laboratório Comunicação UFRGS Junho/86

O ADEUS DOS DOS

FORMANDOS



Martha defende tese e é primeira doutora da Fabico
Página 3



E Outras Mumunhas Mais

No início era o caos: professor no arreio, puxando os estudantes. Alunos de todas as disciplinas em harmonia com colegas e a natureza da Ramiro Barcelos. Tijolo por tijolo, cresceram o prédio e os diplomas. Agora, depois de 34 anos de curso de jornalismo, a ameaça de um novo caos: querem tirar o diploma. Aliviados por sair da Faculdade sem precisarem posar para uma foto como essa, os formandos se despedem. No Encarte.

Eleições da Andes ativam debates no ensino superior

Página Central

Correio do Povo se prepara para voltar

Página 9

Editorial

O próximo passo

Esta é a última edição do TRÊS×QUATRO deste semestre e também o final do curso para quase todos os integrantes da redação. Nosso projeto inicial era de fechar quatro números, que os atropelos acabaram reduzindo em três.

Os alunos — que muitas vezes se transformavam em formandos fantasmas — comprovaram a falta de um trabalho coeso mesmo depois de oito semestres de faculdade. Ou as matérias não eram entregues, ou eram somente entregues. Não havia participação homogênea do corpo de redação. Poucas pessoas acompanharam todo o processo de como se faz um jornal.

Os próximos passos são a formatura e o mercado de trabalho. Na expectativa de se formar, os alunos passaram por cima de certos pontos, e o final do curso foi levado "nas coxas". Não estaremos aqui para fazer um balanço do novo currículo e muitos de nós só estão cursando as novas disciplinas para completar os créditos necessários.

É difícil prever quem vai ser um bom ou um mal profissional, mas estamos todos apostando na luta pela continuidade do diploma, como elemento decisivo para o fortalecimento da classe.

Seria arriscado dizer que o mercado de trabalho vai corrigir as distorções acumuladas na faculdade, de qualquer forma, boa sorte a todos!

Mercado gaúcho melhora com novos jornais

Embora ainda existam dúvidas em torno dos projetos do "Diário do Sul", vinculado à "Gazeta Mercantil" de São Paulo e da volta do "Correio do Povo", a partir da compra do controle acionário da Companhia Jornalística Caldas Júnior pelo empresário Renato Ribeiro, não resta dúvida de que há novo movimento no mercado gaúcho de jornais.

Isso tem significados diferentes para vários segmentos da comunidade, mas se há um sentimento comum entre todos, é o de que reativar o mercado, aumentando a disponibilidade de meios de comunicação, é uma coisa boa.

Para a população gaúcha, os leitores, significa poder contar com diferentes fontes de informação, poder formar uma opinião a partir de diversos pontos de vista e/ou optar por uma linha editorial que combine com sua opinião.

Para as empresas jornalísticas, significa concorrência. E concorrência é saudável. Ajuda a melhorar o produto que se vende. Do jeito que andam os nossos jornais (ZH, GM e JC), uma boa concorrência pode significar mais cuidado com o que é publicado, com o texto, com a notícia. Mais respeito para com o leitor.

Significa um estímulo ao desenvolvimento econômico. Os novos veículos podem contribuir para quebrar o tradicionalismo e propiciar mudanças nos outros veículos afins e até mudanças comportamentais (o Correio do Povo foi uma verdadeira tradição entre os gaúchos); além de apressarem o processo de modernização, o que é necessário para o crescimento econômico.

Isto é, em parte, uma tentativa de estender os direitos humanos básicos — nesse caso o direito a uma mais completa disseminação de idéias, o que pode ser um fator desenvolvimentista. E o Rio Grande do Sul está precisando disso.

Para os estudantes de Comunicação que estão entrando no mercado de trabalho significa possibilidade de emprego. E para os cursos de jornalismo — se não conseguirem extingui-los, tem que significar uma modificação nos currículos (mas não apenas no papel) a fim de preparar o estudante que sai da universidade para a realidade do mercado de trabalho, principalmente se esse mercado se tornar mais exigente.

Em suma, uma coisa puxa a outra e todos saem ganhando, sobretudo o Rio Grande do Sul que dada sua extensão e importância não podia continuar contando com apenas um jornal diário dando as informações gerais.

Suzana Naiditch



Rebarbas

Admiradora da mitologia grega, a chefe de departamento da Comunicação da Fabico, Vera Ferreira, foi a São Paulo pra um congresso, o ABE-COM. Na paulicéia, Vera desvaiou (influência do Ulisses?) e partiu em busca do Minotauro. Entrou no labirinto e, em vez de encontrá-lo, foi achada por ele. Resultado: voltou a Porto Alegre com labirintite. Na semana seguinte, era vista pelas escadas do edifício 540 da Jacinto Gomes, cantando com voz de soprano wagneriana: minotauróóóóó... mino, mino, minotauróóóóó.

A cadeira "Projeto Experimental em Jornalismo IV", na qual os alunos devem desenvolver um meio de comunicação comunitário em vila popular, já está se tornando cômica. Desta vez não foram os professores o motivo da piada. Aconteceu que, na última reunião que os alunos tiveram com os membros do clube de mães da Vila Jardim Universitário, curiosamente só compareceram a presidente do clube e mais uma mãe. Os alunos, decepcionados com a falta de quorum, perguntaram o que estava acontecendo. Receberam a singela justificativa: "As outras não vieram porque ouviram falar que vocês são comunistas".

Vem causando furor nos meios acadêmicos o crescente número de galinhas no prédio da Fabico. Nada contra o galináceo, mas é o tipo da coisa que marca a reputação de uma faculdade. A quem interessar possa: o ponto de encontro delas é entre as árvores em frente ao prédio.

Djá 29 de maio houve uma reunião nesta renomada faculdade para debater-se o final da obrigatoriedade do diploma de jornalismo para exercer a profissão. Era uma noite de forte chuva na capital dos pampas e a reunião não conseguiu arrair mais do que vinte alunos. Resta saber se foi a força da chuva ou a força do hábito.

O professor Wallace, desde que começou a trabalhar no escritório de RP "Grupo" junto com as nossas colegas Leila e Enoi, mudou o visual. Sempre de fãtiota, ou muito bem arrumado, desfila pelas passarelas da nossa faculdade. Não sabemos se esta mudança foi para dar boa impressão aos clientes ou para impressionar suas sócias de escritório.

O curso de fotografia, "A Imagem Fotográfica", que iria iniciar dia 9 de junho aqui na FABICO foi cancelado. Das 30 vagas abertas para os estudantes, somente seis foram preenchidas. O fotógrafo L. C. Felizardo só daria o curso se tivesse no mínimo 10 alunos interessados. O problema é que o preço do curso, que duraria 10 dias, era de 650 cruzados. Foi falta de grana, ou falta de interesse?

As condições em que são dadas as aulas de televisão nesta faculdade não poderiam ser mais precárias. Para ficar numa análise só do equipamento, vê-se que o estúdio não possui a altura mínima, e nem refrigeração de ar, faltam câmeras de estúdio, bateria para a câmera de externas, mesa de corte, ilha de edição, fitas de VT e por aí vai. Até aí nenhuma novidade. Acontece que, com todo esse miserê, tem alunos que são privados do manuseio do parco equipamento existente. E o caso dos infelizes matriculados na disciplina Técnica de Telejornalismo, com a professora Maria Isabel Timm. Sem monitor disponível no horário, sexta às 18:30, a professora não pode utilizar o equipamento por ordem direta do antigo detentor do monopólio das disciplinas de TV, professor Kleber Ferreira. Piada? Não, apenas mais uma seqüência do interminável Filme Demência, que continua sendo rodado na Fabico.

E a onda de problemas para o departamento médico que assolou a seleção brasileira de futebol chegou à FABICO causando sérios desfalques no valeroso plantel dos docentes desta faculdade. O professor Sérgio Rosa foi vítima de um enfarte, seguido pelo Freitas com o mesmo problema, o Guerreiro sofreu uma crise renal, a Vera Ferreira teve labirintite e até aquele professor que não podemos citar o nome andou tendo problemas de saúde. Ficam aqui as sugestões de dar uns "passes" e uns "banhos de descarga" na sala dos mestres e os nossos sinceros votos de pronto restabelecimento aos enfermos.

Treze anos depois vem à tona a incrível história de horror em que um profissional esforçado e competente, hoje consagrado, foi preterido por nebulosas razões políticas. O mais revoltante é que em seu lugar entrou um senhor sem um trabalho conhecido, sem um nome na profissão e que gasta suas aulas com alunos de 7º semestre tentando descobrir a diferença entre gripes e resfriados. Geraldo Canalli certamente não perdeu por não ter se tornado professor da Fabico, mas para os alunos essa troca foi cruel.

Este é o nosso último Três × Quatro, por isto resolvemos fazer um encarte sobre a nossa formatura. Infelizmente estão faltando nele os depoimentos dos nossos dois professores homenageados. O problema não é que a gente ache que eles não iriam falar nada de interessante, é que, como de costume, nós resolvemos fazer o encarte um dia antes de fechar o jornal. Mas para quem não sabe, os nossos felizardos homenageados são (não se assustem) o Mário Rocha, do jornalismo, e o Sérgio Rosa, da publicidade.

Numa prova de nossa boa vontade, resolvemos abrir um espaço para os professores da cadeira, o Caparelli não perdeu a chance: "a turma de jornalismo que faz o 3x4 também tem o direito de ser rebarbado. Aqueles por exemplo, que chegam atônitos, com ar de onde estou? Os que chegam atrasados e saem adiantados e os que nunca vieram. Os que erraram de porta e até hoje vagam perdidos pelo bar. Os que apontam o dedo e dizem "em matéria minha ninguém põe a mão". Os alunos fantasmas e os que se acreditam onipresentes na hora da matrícula. Os que dizem ufa antes de começar o trabalho e os que não dizem ufa mas também não trabalham. Os que perderam o horário e os que nunca tiveram horário. E os que... etc".

Esta é a última rebarba do semestre. Sentimentalismos à parte, gostaríamos de deixar uma mensagem de fé e esperança: impossível. Nós, rebarbeiros, Ronaldo e Thais, vamos à luta e torceremos por nós, depois até por vocês. Beijinho, bejinho, tchau, ichau.

TRÊS QUATRO

Jornal-Laboratório dos alunos do oitavo semestre do Curso de Jornalismo Gráfico e Audiovisual da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Terceira Edição do primeiro semestre de 1986, elaborada pelas turmas das disciplinas de Produção e Difusão de Jornalismo Gráfico e Projeto Experimental V, sob a coordenação dos professores Anibal Bendati, Pedro Maciel, Sérgio Caparelli e Rubens Wayne.

Participam da edição do mês de junho: Adrian Alexandri, Ana Luiza Freitas, Arthur

Sá e Souza, Cezar Augusto Gazzaneo, Elton Berbigier, Enoi Dagô Liedke, Jacqueline Chala, Karla Maria Müller, Kátia Rocha, Laura Seligman, Léo Gerchmann, Lúcio Flávio Haaser, Luiz Antônio Nela, Luis Henrique Fontoura, Márcia Regina Gomes, Maria Beatriz Andrade, Maria Luiza J. Barbosa, Mônica Izaguine, Ronaldo Nunes, Silvenete de Assis, Suzana Naiditch e Thais Lopes (Textos); Adrian, Ana Luiza, Laura, Ronaldo, Suzana e Thais (Conselho Editorial); Ana Luiza Freitas e Mônica Izaguine (Fotografia); Maria Luiza Barbosa e Léo Gerchmann (Ilus-

trações); Arthur Sá e Souza, Karla Maria Müller e Maria Luiza Barbosa (diagramação).

Chefe do Departamento de Comunicação: Vera Ferreira, Diretora da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação: Lourdes Gregol Fagundes.

Cartas, opiniões e colaborações devem ser dirigidas à Redação do Jornal Três Por Quatro, rua Jacinto Gomes, 540, Porto Alegre-RS.

Impresso na Zero Hora Editora Jornalística S/A.

TRÊS QUA FORMANDOS RO

Este é o último jornal laboratório da turma de formandos do 1.º semestre de 1986. Neste encarte fazemos uma homenagem à terceira turma de jornalistas formada por essa Universidade. Foi em 1956. Quando raramente uma mulher seguia carreira universitária, dos cinco formandos, três eram mulheres.

Outro dado curioso é que, na época, o curso contava com 21 professores. Hoje em dia, há 14 professores lecionando jornalismo na Fabico. Muita coisa mudou de lá para cá. Na Faculdade e no país. Em 1973, o jornalista Geraldo Canali conquistou o primeiro lugar num concurso para professores realizado na Fabico, mas foi acusado de “esquerdista” e não pôde ficar com a vaga. Perderam os alunos a oportunidade de contar com a experiência de um grande profissional, que agora recebe a justa homenagem como paraninfo desta turma de Comunicação.

Dedicamos a contra-capa deste encarte a uma entrevista com ele. Na página Central, os formandos contam fatos inusitados que ocorreram durante os anos em que estiveram na Faculdade. E, com muito bom humor, oferecem os melhores negócios através de anúncios classificados. E por falar em anúncio, não perca a grande festa de formatura!



Arquivo 3x4

Os formandos de 1956, Iára, Eunice, Índio, (o professor Salvo Bruno, paraninfo) Germano e Olga.

Não perca a grande despedida! No dia 1.º de agosto, às 20 horas, no Salão de Festas da Reitoria da UFRGS, uma excepcional formatura de comunicação social da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, estrelando:

Geraldo Canali, como paraninfo da turma;
Mário Rocha, como professor homenageado do curso de Jornalismo.
Sergio Rosa, como professor homenageado do curso de Relações Públicas e Publicidade e Propaganda;

E, no papel principal:

JORNALISMO Adrian de Alexandri
Ana Luiza Pires de Freitas
Arthur Danton de S. e S. Neto
Cezar Augusto Gazzaneo
Elton L. Berbigier
Enoi D. Liedke
Jaqueline Chala
Karla Maria Muller
Kátia R. M. Rocha
Léo Gerchmann
Luiz Antônio Neis
Luiz H. M. Fontoura
Marcia Regina Gomes
Maria Beatriz M. Andrade
Maria Luiza Jucoski Barbosa
Mônica da O. Izaguirre
Ronaldo da S. Nunes
Silvanete de Assis Silva
Suzana Nalditch
Thaia H. F. Lopes
Publicidade e Propaganda/Relações Públicas Alexandre A. Valentim
Annette P. Bittencourt
Ari I. Dias Rodrigues
Carmem M. Ribeiro
Liliana Sulzbach
Lúcia M. Klein
Marga V. M. Torrez
Mário Romera
Patrícia B. de Oliveira
Roberto Ferrari
Susana F. da Silveira
Volnei Freitas

E ATENÇÃO !!!

Para os 32 formandos de 1986/1, o paraninfo está oferecendo um maravilhoso churrasco, no dia 28 de julho. Só falta saber onde será, mas uma coisa é certa: o bairro é o Menino Deus.



Arthur tirando cola da Zero Hora

Arthur Danton conta que quando ainda era calouro foi assistir a uma das primeiras aulas, que era de Introdução ao Cinema. "Estranhei que a professora só falava de TV, fazendo uma referência ao cinema comparativamente. Já estava de saco cheio daquelas histórias e ia reclamar: mas afinal, esta aula é de cinema ou de televisão? Então, perguntei para Ananda, uma colega, qual era o nome daquela cadeira. Descobri que era de TV mesmo. Saí de fininho. O Zé, que estava comigo nesta cadeira, não perguntou para ninguém ficando até o final da aula. Outro dia, ele veio reclamar para mim: pô cara! A aula não era de cinema".

Formatura: final de uma dura etapa

Quatro anos se passaram, para alguns mais, outros menos. Mas o certo é que durante um curto período convivemos num mesmo espaço, vivendo problemas semelhantes. Talvez o tempo até não tenha sido tão curto, assim. Para alguns foram realmente anos intermináveis, e aquela frase que diz "os alunos encaram esta faculdade como uma prova de obstáculos em cuja linha de chegada encontra-se um diploma", tornou-se uma verdade. Não há nenhuma estatística provando que no curso de comunicação o índice de desistência seja maior que nos outros, mas, por experiência própria, a gente viu durante esta corrida de obstáculos colegas caindo, alguns desistindo, outros levantando e outros que só agora ao final da corrida perceberam que estavam no páreo errado.

A entrada na faculdade já foi um choque muito grande. Não há mais aquele espírito de turma, ninguém te toma pela mão para mostrar o que tem de ser feito. Pela primeira vez tomamos consciência da nossa responsabilidade para com a formação profissional. Também pela primeira vez sentimos a forte competição existente na área, que começa desde os primeiros semestres. Os "monstros sagrados" do jornalismo nos perseguem do início ao fim do curso. No meio dos corredores, quase sempre vazios, procuramos a turma dos tempos de colégio. Bem que a gente tentou nos primeiros semestres. As saídas e as festas que invariavelmente terminavam em porres homéricos vão ficar na história de cada um de nós. Por que tudo isto não continuou? Não é possível explicar com certeza, mas a teoria corrente é de que as pessoas no início do curso estavam mais abertas e com o passar do tempo foram selecionando as amizades e formando pequenos grupos que, mesmo unidos durante as aulas, se viam raramente.

De tudo isso a gente sabe que ficaram somente as histórias que alguns de nós viveram, e que, correndo de boca-em-boca, tornaram-se verdadeiras "lendas" dentro da faculdade, mistificando os protagonistas e seus atos. Quem não lembra da campanha "eutanásia para Moacyr Flores"? Frases como "em nome da humanidade, desliguem os aparelhos" percorreram e divertiram todo o prédio. Ou ainda a investigação para saber quem vedou a porta do DABICO com durepoxi. Seus autores, apesar de facilmente identificáveis, nunca foram reconhecidos. Ou então, o coro de fantasmas que percorreu a FABICO certa noite sem luz. Uma ótima oportunidade para quem não conhecia os cantos gregorianos. Mas as histórias são realmente muitas, e uma só memória não poderia enumerá-las.

Além do mais o que importa mesmo é que todos estes atos, considerados vândalos por alguns, eram a única forma que toda uma geração acostumada ao silêncio encontrou para protestar contra a ineficiência de todo um sistema de ensino ineficaz. A verdade é que os tempos agora são outros e os próximos alunos da FABICO, futuros redatores do TRÊS POR QUATRO, vêm com outro espírito. Uma prova disso foi a recente "derrubada" do professor da cadeira de Economia. Parece que finalmente a apatia está cedendo lugar à conscientização dos alunos de seu poder dentro de uma Universidade. A nós cabe apenas observar estupefatos a movimentação, e talvez contar algumas histórias...

Ronaldo Nunes fala que aconteceu algo de pitoresco no seu segundo semestre, quando cursava a disciplina de Psicologia da Informação, cujo o professor era Fernando Lopes. "No final da cadeira, ele pediu um trabalho sobre um livro do Freud, o mesmo que já tinha pedido no semestre anterior. Como aluno interessado e esforçado que sempre fui, peguei o trabalho do Vavá, colega já formado, que tinha feito a cadeira. Ronaldo afirma ter dado o seu toque pessoal ao mudar a capa ao entregar o trabalho. A nota máxima era 40. "Foi o que eu tirei. Só que o Vavá ficou com 35. Ali, eu descobri o valor de uma capa".



Ronaldo assumindo no ponto final



Caparelli caçando tatú

As histórias são muitas nas aulas do professor Moacyr Flores. Luiz Ferrareto conta que em História do Brasil, este mesmo professor falou durante três semanas sobre a revolução de 1930. Uma aluna perguntou que revolução era esta. Moacyr Flores respondeu: "tem umas perguntas que eu tenho que contar até 10 para continuar vivendo".

Classificados do 3 x 4

VAGAS ACUMULADAS. Não perca. Mais quarenta vagas, pelo menos, para moças de fino trato. Se você esperar mais alguns anos, pode comprar uma faculdade inteira, só para você.

PROCURA-SE PROFESSORES. Grande oportunidade. De qualquer área, com qualquer formação, para qualquer disciplina. Interessados dirigir-se a qualquer sala da Fabico.

CONCORRÊNCIA. Procura-se lojas para consertos de máquinas fotográficas. Grande contrato. Pelo menos dez consertos por mês. Tratar com Wallace.

ACEITA-SE. Contribuições voluntárias para a festa dos

formandos. Donativos podem ser entregues na sala 705, da Fabico.

VENDE-SE papel velho, jornais e alguns livros. Tratar na Biblioteca da Fabico, na "calada da noite", com as bibliotecárias.

NÃO PERCA. Aluno formando negocia seu caderno, com material de todas disciplinas cursadas. Apenas dez páginas preenchidas. Resumo geral do curso de Comunicação. Útil, somente, para alunos que estão ingressando no curso.

PROCURA-SE. Loja ou sala comercial bastante ampla para instalação de almoxarifado. Urgente. Tratar no térreo da Fabico.

VENDE-SE coleção de discos usados adquiridos durante o curso de Comunicação. Pouco uso e apenas um defeito: um "leve" carimbo da Rádio da Universidade nas capas.

PROCURA-SE cobaias para o Centro de Orientação e Seleção Psicotécnica, para cair nas garras dos alunos de psicologia, sedentos de neu-

roses. Tratamento completo: choques, injeções na veia e duas semanas de solidária. Venha logo, antes do despejo.

SALDOS E PONTAS. Vendem-se matérias que sobram das edições do Três por Quatro. É só atualizar os dados. Não requer prática nem habilidade.

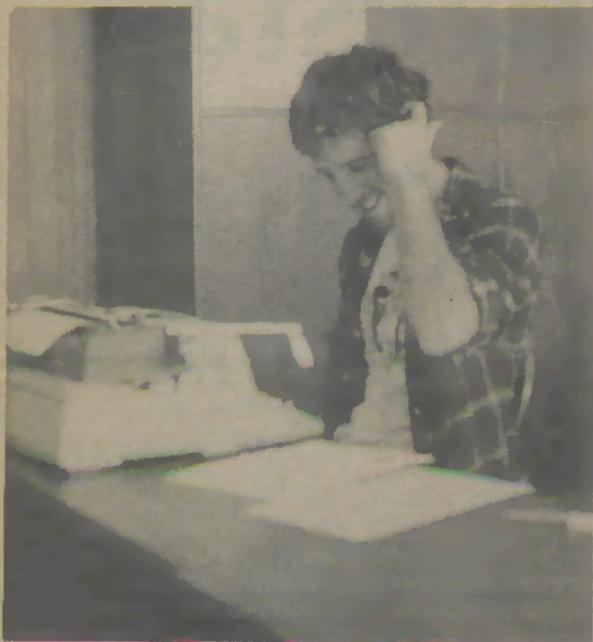
DIAGRAMADORES — Precisa-se urgente. Para trabalhar no Correio do Povo. Não é necessário saber a diferença entre Paicas e

Ciceros. Favor trazer a régua de casa.

COMPRA-SE. Bomba de ar. Preciso urgente para encher pastéis. Tratar c/Lena no bar.

PROCURAM-SE MOÇAS. Curso superior com 50 vagas sobrando procura moças de fino trato em busca de diploma. Interessadas apresentar-se na Fabico.

NEGOCIA-SE. Kombi 66; às vezes funciona. Vende-se, aluga-se ou troca-se por uma estante. Motivo: guardar



Léo rindo do popoquê do Moacyr Flores

Elton Berbigier acha que no decorrer dos longos e intermináveis oito semestres e que mais se ouviu são críticas quanto a falta de qualidades do curso. Para ele, o mais triste é que o jornalismo da UFRGS se situa entre o péssimo e inqualificável.

"Termino o jornalismo para agora começar a estudar", diz Márcia Gomes. Ela afirma que neste final de curso tem consciência de que não sabe quase nada sobre jornalismo e, por isto, acha que ainda tem muito para aprender.



Luis Henrique e Jaqueline de costas para não serem reconhecidos

Thais Lopes fala que uma das boas lembranças que possui desta faculdade maldita é a de um carinho que trabalhava no bar, quando ela entrou na Fabico. "O Mário era um venezuelano que tocava violão muito bem e cantava superalto. O mais interessante é que ele estava sempre bêbedo e esquecia de cobrar o que a gente comia. Ele dava um clima todo especial ao nosso aconchegante barzinho".



"Quando fizemos a cadeira de Cultura Brasileira com o professor Moacyr Flores", conta Léo Gerchmann, "a chamada era feira através de uma folhinha. Eram 60 alunos, ouvindo o professor falar sobre popoquê — um objeto que faz o índio ficar beicudo — e do carnaval no Brasil colônia". Léo fala que ao invés de diminuir o número de alunos com estas chatices, a chamada era entregue em, no mínimo, 3 laudas com nomes muito importantes, como por exemplo, o do Papa, o Presidente da República, jogadores de futebol, e atores de novela.



Maria Luiza medindo a língua em paicas

Silvanete de Assis diz que vários fatos marcaram sua passagem pela Universidade. Ela foi reprovada duas vezes na disciplina de Pesquisa e Mercadologia com o professor Sérgio Rosa. "As aulas eram no sábado, às 9h30min, e eu achava um sacrifício assisti-las para ouvir o professor falar que comprava queijos e vinhos na Banca 44 do Mercado Público, explicar curvas elásticas e inelásticas, etc. Graças a Deus, o currículo mudou e esta cadeira foi dividida em duas outras".



Cezar Augusto assinando a chamada

Estas estórias e declarações se confundem com a própria Faculdade. Salmos daqui com muita saudade e uma pequena bagagem. Saudade de pessoas queridas que durante quatro anos vivenciaram um problema comum — estudar numa escola que pouca coisa teve a nos oferecer. A batalha agora será muito mais séria. Precisaremos, certamente, de muita sorte.



Bendati: el professor

rescaldo do Instituto Nacional do Livro. Tratar no Depto. de Biblioteconomia.

TROCA-SE. Posição de redator de jornal universitário por redator de jornal de "verdade" (11??). Tratar na sala 305 da Fabico, quando surgir um desta categoria.

DÁ-SE. Currículo da UFRGS de três semestres e meio, com notas entre A e B e uma reprovação em Jornalismo Comparado. Venha logo antes que seu dono desavisado o jogue fora. Tratar com Jaqueline na Redação.

TROCO: Máquina de escrever com muito uso por um berço com pouco uso. Motivo: casamento inesperado. Tratar na Fabico com Laura.

TROCO. Máquina de escrever com três anos de uso por um carrinho de pipoca em bom estado. Tratar na Jacinto Gomes, 540, até o final de junho.

VENDO: Pacote de trabalhos já corrigidos de diversas disciplinas do curso de Comunicação para alunos que ainda têm muito pela frente. No pacote, o famoso

"Venenos e Peçonhas". OBS: Os trabalhos são sempre os mesmos, não se preocupe. Tratar na Redação.

PERDIDOS. Em algum lugar da Fabico dois livros: um sobre teoria e técnica de comunicação comparada e outro sobre a evolução do Capitalismo desde a era Paleolítica. Quem encontrou, favor não devolver.

VENDO. Livro de Humberto Eco sobre a Semiótica para os novos alunos da Fabico. (Aliás, os únicos que comprariam).

VENDE-SE. Laboratório de fotografia que pode servir de cozinha. Brinde: um conjunto de cubas que podem servir de panelas.

TROCA-SE. Monitor de TV colorido (mas não muito), um tanto lerdo e barbudo. Tratar com a família Ferreira.

ALUGA-SE. Estúdio de TV. Equipamento precário, mas em perfeitas condições de uso. Se a equipe for boa, produzirá grandes programas e concorrência com a RBS

será grande. Interessados tratar na Jacinto Gomes, 540.

NÃO PERCA. Oportunidade única de adquirir seu diploma, novo, sem manchas ou amassões. Corra antes que ele seja extinto.

VENDO: dicionário de Português, elemento que será muito valioso na redação do 3x4.

DOU: Conselhos, Técnicas de permanência em aula, consolo, para todos aqueles que estiverem cursando as

cadeiras teóricas do início do curso, devido à experiência e calejamento adquiridos em cinco anos de FABICO.

TORRO: Um magnífico exemplar de Introdução à Economia, de José Paschoal Rosseti (só se eu me der bem na "sabatina" de quarta-feira).

VENDE-SE: Elevador, marca Atlas, em bom estado, só dá uns probleminhas de vez em quando, nada de mais grave. Não aceitamos devolução do produto, nem de presente.

"O jornalista deve assegurar a liberdade"



Em 1973, o jornalista Geraldo Canali fez um concurso para ser professor da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação Social da Ufrgs. Obtendo ótimas notas, conquistou primeiro lugar das duas vagas disponíveis. Infelizmente, ele não conseguiu assumir seu cargo, pois uma denúncia acusando-o de esquerdista tirou-lhe a vaga. Hoje, com 37 anos, metade deles dedicados ao jornalismo, o apresentador do Jornal do Almoço da RBS é o paraninfo da turma de Comunicação da Fabico 86/1. Nesta entrevista Canali fala de suas experiências profissionais e se posiciona diante de questões como a obrigatoriedade do diploma e o papel atual do jornalista.

A primeira coisa que eu gostaria de falar é o que significa este convite para mim. Primeiro, porque significa um reconhecimento profissional, o que é muito importante. Segundo, por vir de vocês, recém egressos. Para mim é a conclusão de que ainda estou sendo identificado com vocês; acho fundamental para o jornalista a vitalidade, o não acomodar-se, ficar sempre se renovando. Depois, por tudo o que aconteceu aqui nesta faculdade comigo. Eu fui atingido por um ato de injustiça, por um ato de força, por um ato fascista que foi a minha exclusão da faculdade no momento que eu achava ter as melhores condições e a maior vontade de trabalhar aqui. Treze anos depois deste ato de injustiça, esta coisa ainda está viva. Aqueles que determinaram a minha saída hoje são execrados.

Tu tens vontade de voltar a dar aula aqui?

Eu já fui inclusive convidado, acontece que a minha exclusão naquele período me obrigou a um desvio de Rota.

Agora não sei se é viável recondicionar as coisas, compatibilizar. O trabalho na Universidade, sendo sério, é uma das coisas mais importantes. Eu tenho muita vontade, só não sei se é possível. É uma coisa que estou estudando muito devagar.

Como foi o início da tua carreira?

Minha entrada no jornalismo coincidiu com uma alteração radical na situação do mercado de trabalho. Foi um período mais ou menos fértil em proliferação de veículos, coincidindo também com a regulamentação do profissional. Eu comecei em 67, no primeiro ano da faculdade, e não existindo ainda a regulamentação, eu podia trabalhar sendo estudante e o mercado estava aberto porque estava empregador. Mal empregador, mas empregador. A remuneração era extremamente baixa e os veículos já estavam cercados.

Eu comecei na Zero Hora e foi um período de muita mutação. Era o velho Correio do Povo, a Última Hora antes da Zero Hora — era o Diário de Notícias. Eram gerações que já estavam saindo do mercado de trabalho. O pessoal começou a se aposentar, a ser cassado, a sair. Abriu-se um campo muito grande e ali era só trabalhar, e quem conseguia realizar um trabalho legal se dava bem. Eu me dei bem facilmente e, em seguida, fui convidado para outros trabalhos: no Jornal do Brasil, no Correio da Manhã, fiz free-lancer para a Veja e para outras revistas. Eu tive sorte.

E hoje, o que tu fazes?

Hoje, eu quero encaminhar meu lado pessoal, por isso estou fazendo um jornal do meu bairro (Oi, Menino Deus) para poder ficar mais perto dos meus filhos fazendo alguma coisa que eu goste e que melhore um pouco a minha situação financeira. Mas é uma interrupção que estou fazendo e que espero que seja breve. Continuo na televisão (RBS), mas quero voltar a ser repórter. Quero morrer sendo repórter.

Tu nunca pensaste em trabalhar em outra cidade?

Já fui convidado para trabalhar até fora do país, mas acho que não muda muito. Apesar de já ter feito muitas viagens tenho um gosto muito especial por Porto Alegre. Não há necessidade de sair daqui para realizar um bom trabalho. As mesmas dificuldade que tu encontras fora, tu encontras aqui. O mesmo trabalho que eu realizaria no Rio ou Brasília pode ser desenvolvido aqui. As limitações lá vão ser as mesmas.

Como tu vês o mercado de trabalho para nós, iniciantes?

Hoje a realidade é muito diferente. Sinceramente eu fico muito preocupado com esta "produção" de jornalistas. A própria política de bacharellistas que foi deliberadamente imposta pela ditadura leva muita gente à frustração. A ditadura, na tentativa de abafar as tensões do meio estudantil, botou mais bancos e empilhou alunos nas salas de aula e que não significou ampliar a Universidade. A ditadura até construiu mais prédios, mas não se preocupou com a qualidade do ensino. Pelo contrário, quanto pior o ensino mais interessante era para o poder. Aconteceu que as faculdades superlotaram. Na Puc, por exemplo, existiam turmas de 120 alunos, coisa absolutamente absurda, e essa foi uma das razões de eu ter deixado de dar aula lá. O resultado foi uma desqualificação muito grande do ensino e uma frustração para quem esperava sair de uma faculdade em condições de enfrentar um mercado de trabalho. Paralelamente, a ditadura se encarregou de concentrar os meios de comunicação ao invés de promover a sua pulverização. O que se assistiu neste período foi o fechamento de muitos órgãos de imprensa, desestímulo, a absoluta impossibilidade de abertura de novos veículos. E quando se oferecia algum tipo de alternativa, o governo se encarregava de transformá-la na mais excludente possível para o mercado de trabalho. Hoje, tem esse enorme exército de reserva que são os egressos da faculdade sem oportunidade de

trabalho, que acaba comprometendo toda a categoria profissional em situações mais políticas que sindicais. Por outro, lado, a própria abertura política se encarregou de começar a remediar o problema. Hoje, já se assistiu a uma que outra abertura no mercado de trabalho. Isso é fruto de democracia. Eu acho que hoje está se abrindo muito mais jornais do que fechando.

Qual tua opinião sobre a obrigatoriedade do diploma para o jornalista?

A questão do diploma tem que ser vista de duas formas. Primeiro sob o aspecto técnico. O ofício de jornalista não exige uma formação bacharelesca. Exige determinadas técnicas, uma carga muito grande de informação que não necessariamente se aprende na escola — que até nem tem-se aprendido na escola —, se aprende muito mais no bar da escola que na sala de aula. Agora, sob o ponto de vista profissional, principalmente de convivência universitária, aí eu acho válido. Sob o ponto de vista de preservação de uma categoria importante, do ponto de vista sócio-cultural político, eu acho importante. Enquanto o país vivia numa ditadura eu não via diferença nenhuma em ter ou não o diploma. O diploma se justifica num regime democrático. Hoje acho válido o diploma e acho, mais do que nunca, imprescindível para os jornalistas.

Qual o papel da classe jornalística hoje?

Vou ser obrigado a usar uma frase mais do que usada: o preço da liberdade é a eterna vigilância. Hoje nossa responsabilidade como jornalistas é fazer avançar a democracia e assegurar a liberdade. Essa é uma função não só nossa, mas de outras categorias mais avançadas da sociedade. O jornalista teve um papel importante na abertura política. A nossa função é assegurar a liberdade.

Acho que uma turma que sai da faculdade e se apresenta impotente como agente transformador, não acrescenta nada. Acho que a participação sindical é importante. O egresso não só tem que buscar alternativas pessoais e batalhar, como tem que ter uma participação associativa de categoria muito forte. Ele tem que participar das lutas sindicais, principalmente tentando evitar todo e qualquer esforço de concentração de empresas jornalísticas. Ele tem que assegurar a proliferação de veículos de informação a abertura de novas vagas, tentando se engajar nessa luta pela preservação do diploma. Eu acho que é por aí.

Martha D'Azevedo é doutora em Comunicação

Professora da FABICO defendeu sua tese em São Paulo

Com a tese intitulada "A liberdade de Imprensa, Realidade e Utopia" defendida em São Paulo no último dia 24 de maio a custo de três anos de viagens semanais à capital paulista e dedicação à pesquisa, formou-se a primeira doutora em Comunicação do Rio Grande do Sul: a professora Martha D'Azevedo.

"Isso que aparentemente pode parecer uma loucura, foi a única forma de defender esta tese em tão pouco tempo", avalla a pesquisadora e professora do curso de Comunicação da Ufrgs. Contando com o auxílio de uma bolsa de Capes, que se destinava a custear despesas pessoais, além do material didático a ser utilizado pelo bolsista, mas que, na verdade, era baixíssima — no valor de apenas mil cruzados — e com o acordo estabelecido com a universidade, de mantê-la sem classes mas com a remuneração normal, Martha preparava sua tese de 83 para cá.

Os três anos utilizados para desenvolver o trabalho, que foram considerados pela banca examinadora como tempo recorde na confecção de uma tese de doutorado, na verdade não pouparam a autora de alguns sacrifícios. As segundas-feiras às duas da tarde, por exemplo, ela embarca no ônibus para chegar a São Paulo na terça às oito da manhã, indo diretamente para a USP — Universidade de São Paulo — a fim de assistir aulas no dia inteiro e na quarta-feira pela manhã, para quarta à tarde, tomar o ônibus que a deixava em Porto Alegre na manhã de quinta.

O mestre que pretender se doutorar fica obrigado a cumprir um determinado número de seminários junto à instituição a que estiver vinculada sua tese. Para a professora Martha, que em 1980 havia concluído mestrado em Ciência Política na Ufrgs, deviam ser cursados três seminários, porém, o não reconhecimento de seu mestrado pelo MEC a obrigou a cursar mais dois. Sua insistência em fazer três deles no mesmo período, mais uma vez, surpreenderia a banca. Resultado: três (o grau máximo), como prova de sua determinação. Cumprida esta etapa no ano de 83, no final de 84, deu-se o exame de qualificação, um vestibular de tese, abordando conteúdo dos seminários e da própria tese. A partir de então, Martha mergulharia especificamente na defesa do tema proposto.

"No ano de 83 apenas, fiz 24 viagens a São Paulo", conta Martha D'Azevedo. O que eles não entendiam era por que eu não ficavamorando lá neste período, mas se ficasse em São Paulo teria dificuldade de acesso ao material solicitado. Desta forma, a pesquisadora e aluna itinerante se repartia na rota São Paulo-Porto Alegre, já que era principalmente nas bibliotecas daqui que ia buscar bibliografia para dar continuidade a seu trabalho.

Responsabilidade

Para defender sua tese, Martha explica ter montado o trabalho na mesma metodologia de seu mestrado e aponta o método como ponto-chave de uma tese a ser desenvolvida. "A metodologia utilizada pelo pesquisador deve ser montada de forma que possa ser refeita por qualquer outro estudioso, para comprovar a tese verificada". Como tema da tese, a autora estabeleceu uma comparação entre Brasil e Equador, analisando o fenômeno do fluxo internacional de informação ocorrida nos dois países. "Tinha preocupação de que os dados comprovados fossem divulgados, pois se há alguma coisa que interessa à segurança nacional é a comunicação", acredita Martha. Sua conclusão final foi de que uma nova ordem econômica mundial tem que passar por uma nova ordem de comunicação, o que implica que um país tenha informações precisas e importantes sobre si mesmo e sobre o mundo.

Sobre o status de ser doutora, a professora Martha é de uma opinião peculiar "Eu acho que se cria uma sensação até de inferioridade pela quantidade de assuntos que a gente descobre que se desconhece. O compromisso é ligado a uma responsabilidade muito grande".

A tese aprovada ainda não tem rumos de publicação definidos. Martha Azevedo está buscando convênios com o Ciespal — Centro de Estudos Internacionais de Jornalismo para a América Latina — pela sua penetração nos outros países latino-americanos.

"A publicação é um tribunal do povo, por isso passível de ser questionada. Não é do meu feitio fazer um trabalho tão grande para que fique engavetado, fazê-lo apenas para mim. O meu trabalho deve servir para que outras pessoas sigam em frente".

Ana Luiza Freitas



Martha: tese com a mesma metodologia do mestrado

Horários prejudicam alunos que trabalham

O término do semestre letivo está se aproximando e é nessa época que ocorre um grande número de trabalhos solicitados pelos professores.

Inicia-se então uma grande batalha, a das velhas desculpas: Professor eu trabalho, não deu para eu fazer as reportagens; Sabe professor é este horário todo quebrado aqui na faculdade não consigo marcar uma hora com o entrevistado. Qualquer que seja a desculpa ou colocará a culpa no trabalho ou então nos horários das disciplinas da faculdade.

Estes fatos praticamente se repetem desde que o curso passou para o sistema de semestralização ou seja todas as disciplinas são oferecidas em cada semestre. Este fato, segundo o professor Wallace Lehnemann, acarretou uma maior necessidade de horários ocupados. Passando assim os alunos a se matricularem cada vez mais em um número maior de disciplinas, ficando praticamente impossível acompanhar todas elas.

Outro fator que a semestralização acarretou foi a perda da divisão que anteriormente acontecia, Jornalismo pela manhã e Relações Públicas / Publicidade Propaganda pela noite. A necessidade de oferecer um maior número de disciplinas obrigou a comissão de carreira a utilizar todos os horários disponíveis.

Se estas transformações auxiliaram os alunos que não trabalhavam possibilitando que eles se formem em um período menor que os quatro anos normais de curso. Elas trouxeram também novos problemas para os estudantes que trabalham, prejudicando o andamento de seu aprendizado.

Segundo a estudante Silvanete de Assis Silva, formada em jornalismo, "os horários do curso são horripáveis". Ela entrou na FABICO no 2º semestre de 1979 e só

agora está podendo concluí-lo uma vez que sempre trabalhou, passando portanto no início a frequentar o curso à noite. "Quando não tive mais opção", prossegue Silvanete, "conversei com meu chefe e acertel que nos dias de aula, compenso meu horário de trabalho, cobrindo minhas saídas".

Outro aluno que comenta as dificuldades que enfrentou é Alvaro Grohmann, o Fuzil. Ele já trabalhava há 5 anos na área de comunicação na Editora Intermédio, e foi obrigado a pedir demissão para poder incrementar seu curso, e agora só tem condições devido aos horários de aula, a fazer trabalhos de free.

Comunicação em dois turnos.

Vera Ferreira chefe do de comunicação desconhece Comis dos horários das disciplinas. Vera acha que deveria haver uma batalha para se conseguir que o curso fosse oferecido em 2 turnos distintos, possibilitando assim a qualquer estudante, o que trabalha e o que não trabalha, condições reais de efetuar o curso.

A professora Vera faz estas declarações salientando que o curso existe para formar profissionais portanto nada mais correto que atender às necessidades dos alunos. Mas a chefe do departamento tem conhecimento que atualmente não haveria condições de "ser colocado o curso em dois turnos uma vez que atualmente para colocá-lo em funcionamento mesmo com estes horários quebrados nós temos tido dificuldades de salas e professores.

Com estes fatos resta aos alunos que agora estão entrando no curso se movimentarem e reivindicarem novos professores salas e quem sabe a tão sonhada possibilidade do curso ser totalmente oferecido em dois turnos podendo assim dar melhores condições completarem-no.

Enoi Dagô Liedke

Chernobyl, alerta nuclear

Chernobyl, 26 de abril de 1986: uma data e local a serem lembrados. Ocorreu nesta usina soviética, situada na Ucrânia, o acidente mais grave até hoje já verificado numa central nuclear. Nos dias seguintes, uma imensa nuvem radioativa tomou a direção da Europa, levando pânico às populações e provocando intenso debate a respeito da viabilidade da energia nuclear.

Em Porto Alegre, na UFRGS, duas instituições desenvolvem pesquisa na área nuclear, o Instituto de Física e o Departamento de Energia Nuclear da Escola de Engenharia. O professor Marco Vilhena, chefe deste departamento, diz que as atividades desenvolvidas são ensino e pesquisa, sendo que, nos últimos tempos, foram feitos estudos sobre aplicação de radioisótopos na indústria, agricultura, medicina e hidrologia.

Vilhena afirma que o projeto mais "quente" do departamento, atualmente, é um novo conceito de reator nuclear, cuja característica principal é sua segurança intrínseca. Vilhena apenas lamenta que um projeto de tal importância, conhecido por cientistas de todo mundo, tenha sido tão pouco divulgado por aqui.

O criador do novo reator é o Dr. Farhang Sefidvash, professor de Engenharia Nuclear da UFRGS. Farhang cita as principais características de seu Reator Nuclear a

Leito Fluidizado: "O reator é modular em projeto e tem como características básicas a simplicidade e a segurança inerente". E acrescenta: "O custo de desenvolvimento é relativamente baixo, devido à necessidade de desenvolver apenas um módulo básico".

Farhang acredita que há preconceito contra a energia nuclear, por parte de setores da população. Ele não afirma que não haja riscos com as usinas, mas reclama que o grande número de mortes em acidentes, nos vários setores da indústria tradicional, não é levado em conta pelos críticos da energia nuclear, que só falam nas mortes de Chernobyl.

DISCUSSÃO POLÍTICA

César Vasconcellos, professor de Física Nuclear do Instituto de Física, discorda de Farhang. Afirma que o acidente de Chernobyl foi importante na medida em que causou impacto e isto serviu para conscientizar as pessoas a respeito dos perigos que a energia nuclear representa.

O físico diz que as pesquisas feitas pelo Instituto de Física não envolvem a geração de energia elétrica a partir de combustível nuclear. Essas referem-se, basicamente, a reações nucleares a média energia, voltadas para a compreensão da estrutura nuclear.

No entanto, César pensa que a questão da energia nuclear não é

meramente técnica; envolve toda uma discussão política. "A questão energética está intimamente ligada à evolução industrial. Cabe à população resolver qual tipo de sociedade quer e quais fontes de energia serão utilizadas".

O físico da UFRGS prevê que, com os parâmetros econômicos capitalistas vigentes no mundo ocidental, haverá uma demanda cada vez maior de energia e esta nunca será suficiente. "A discussão em torno dos riscos e da viabilidade da energia nuclear é uma falsa questão. O correto seria discutir-se o porquê da necessidade de tanta energia".

A respeito do Programa Nuclear Brasileiro, César afirma que os acordos para importação de tecnologia, na realidade, são pacotes tecnológicos. O físico nuclear diz que a tecnologia implantada em Angra dos Reis é obsoleta e que, mesmo assim, não haverá condições do país absorvê-la, pois falta gente capacitada e não há um parque industrial em condições de assimilar esta tecnologia.

Como se estes problemas não bastassem, há ainda o aspecto do lixo nuclear que, segundo estimativas de César, somará 70 toneladas anuais. "Será uma grande quantidade de material emissor de radiações perigosas que deverá ser colocada em lugar seguro, a cada ano. Não sei como os técnicos resolverão este problema".

Arthur Sá e Souza

Emissoras disputam audiência

As emissoras de televisão disputam, de quatro em quatro anos, os números de audiência com as programações especiais para a Copa do Mundo. Em 1986 o jogo entre as emissoras teve de se adaptar, pois todas (Manchete, Globo, Bandeirantes e o pool SBTRecord) tiveram de transmitir as imagens da televisão mexicana. A saída então foi inovar.

Na Rede Globo a programação da Copa durante as transmissões dos jogos foi enriquecida com tecnologia de última geração. Está sendo utilizado o que eles chamam de "tira-teima": um computador Itautec que utiliza um programa americano para congelar a imagem e esclarecer dúvidas graficamente. O programa é americano e foi criado originalmente para o beisebol. A adaptação para o futebol veio da Itália. Além disso, 120 profissionais estão no México cobrindo todos os eventos da Copa, e são comentaristas Minelli, Zagalo e Carlos Alberto. Existem também duas câmeras exclusivas da emissora, para dar mais variação à programação.

Call Free

Na Rede Manchete, que está completando três anos em 86, a saída para ganhar audiência foi menos avançada, mas com boa repercussão. O Call Free (ligue grátis) permite ao telespectador exatamente isto: ligar para a emissora e participar dos debates dirigidos por João Saldanha, ao vivo. Oito vezes ao dia, o Copa Total, boletins rápidos e com boas informações, vai ao ar tentando atualizar o telespectador que não acompanha a programação por inteiro. Num lado mais místico, a Manchete criou "Os Magos Falam", dando chance para os maiores videntes do país fazerem as suas previsões.

O esquema da Rede Bandeirantes de Televisão é muito parecido com a sua programação de fim-de-semana. A Bandeirantes gasta várias horas de programação com o esporte e na Copa do México preparou 50 profissionais no comando de Luciano do Vale. Nos comentários, mais três craques, a exemplo da Globo: Rivelino e Clodoaldo, que já vinham acompanhando os amistosos da seleção, e agora Pelé, a estrela de 1970. São quatro horas diárias sobre a seleção, os jogos e seus adversários.

A SBT (Sistema Brasileiro de Televisão), de Sílvio Santos, resolveu entrar também na área do esporte. Para isso formou um pool com a Tv Record de São Paulo e enviou o locutor Sílvio Luis para a narração dos jogos. A diferença de programação ficou por conta da reportagem. Conhecido pelo trabalho na produtora independente Olhar Eletrônico, o repórter Marcelo Tas, ou Ernesto Varela, o personagem que criou com irreverência, que já está ganhando, no México, a simpatia dos telespectadores e a irritação de alguns dirigentes de futebol, como o vice-presidente da CBF, Nabi Abi Chedid. Na SBT, os comentários ficaram com Ciro José.

Kátia Rocha

Seleção X Publicidade: um jogo de indefinições

Para um país como o Brasil, único a participar de todas as Copas do Mundo e onde o futebol é a grande paixão nacional, os 30 dias de duração de uma copa são especialíssimos. As pessoas mudam seus hábitos em função do horário dos jogos, a produtividade nas indústrias cai, o horário do comércio muda, enfim, respira-se Copa do Mundo.

Para os veículos de comunicação, esta é uma época de árdua disputa pela preferência desta legião de torcedores interessada no som e nas imagens do México. Para o meio publicitário, esta época também é

muito especial, mas ele não se interessa pela preferência dos torcedores e, sim, pela dos consumidores. Em nenhuma outra época tantos consumidores estão aglutinados em torno de um evento só.

"É um grande filão", diz Antônio Augusto Barcellos, diretor da BCG Publicidade. Barcellos, no entanto, lamenta-se, dizendo que este foi um ano atípico. "Na verdade, para o meio publicitário, a Copa do Mundo começa bem antes. Normalmente, as pessoas já estão envolvidas com o clima de Copa um ou dois meses antes do evento", diz ele. Desta vez, porém, isto não ocorreu.



Diego Maradona: uma estrela que brilhou no México

INDEFINIÇÕES

A seleção brasileira em nenhum momento de sua preparação para a Copa chegou a entusiasmar, muito pelo contrário. "Tínhamos um planejamento de espaço a ser coberto pela seleção que só passamos a realmente utilizar quando faltavam apenas 10 dias para começar a Copa", diz Alvaro Almeida, redator de esportes do Diário Catarinense. "Não dava para dar espaço a um assunto que simplesmente não interessava", completa ele.

Para a publicidade, isso foi catastrófico. Em 82, quando da última Copa, o clima de Copa começou "com uma grande antecedência", diz Antônio Augusto Barcellos, "o que rendeu muito para quem investiu em publicidade relacionada à Copa". Para Barcellos, isso está diretamente relacionado à equipe brasileira, já que, "em 82, todo mundo sabia a escalação do Brasil três meses antes, enquanto que desta vez não sabíamos nem quem formaria o plantel". "Nos custaram muito caro as indefinições do técnico brasileiro", arremata o publicitário.

APELO

Sem dúvida, esta Copa do Mundo, mesmo antes de chegar ao final, já frustrou muita gente. A Brahma, compradora

de uma milionária cota de publicidade, chegou a ter um princípio de desentendimento com a Rede Globo porque achava que a emissora estava dedicando pouco espaço para os preparativos do mundial, alegando que, na copa anterior, havia pago menos por um retorno maior. A Topper, fornecedora exclusiva do material esportivo da seleção, desistiu de centralizar sua publicidade na figura do jogador Sócrates, pois tudo indicava que este seria reserva no México, e apostou em Falcão. Resultado: a Copa do Mundo começou para o Brasil com uma vitória sobre a Espanha por um a zero, gol do titular Sócrates, enquanto Falcão estava na reserva.

Pior mesmo foi o caso do desodorante Verde e Amarelo. Sua publicidade toda foi baseada num comercial para a televisão onde despontam o ponteiro Renato, cortado do elenco por Telê Santana, o lateral Leandro, que em meio a uma bebedeira negou-se a embarcar para o México, e o ponta-de-lança Zico, que perdeu um pênalti decisivo no jogo com a França e talvez tenha de abandonar o futebol devido a uma lesão no joelho.

"Parece que deu tudo errado", diz Antônio Barcellos, num misto de profissional e torcedor.

Ronaldo Nunes

Imprensa brasileira vence a Copa

Neste mês, os veículos de comunicação se voltaram para a Copa do Mundo 86, disputada no México. Com os avanços tecnológicos, as emissoras de rádio, televisão e os jornais realizaram a maior cobertura já feita neste tipo de evento.

Já se passaram 12 Copas do Mundo e os jornalistas sempre procuraram manter os amantes do futebol bem informados. No início, sem o auxílio dos satélites, era tudo mais difícil. Os resultados dos jogos do Mundial da Itália, em 1934, por exemplo, eram enviados através de telegramas, que levavam dois dias para chegar às redações dos jornais do centro do País.

Aqui no sul, a rádio Guaíba foi a primeira emissora a realizar uma cobertura de copa, em 1958, direto da Suécia. Já as transmissões ao vivo dos jogos pela televisão começaram em 1970, quando a "Seleção Canarinho" conquistou o tricampeonato no México. No Mundial de 86, a evolução dos meios de comunicação se faz notar cada vez mais.

Em termos de televisão, as emissoras do Rio Grande do Sul receberam a maior parte de programação das grandes Redes do Rio e São Paulo. As imagens dos jogos — foram geradas pela Televisão Mexicana.

PROGRAMAÇÃO

A TV Bandeirantes procurou conquistar o público, apresentando reportagens com o irreverente Otávio Mesquita, que participou da cobertura do carnaval passado. As análises dos comentaristas da RBS TV são gravadas pela equipe da Globo, em Guadalajara, logo após, geradas para o Rio de Janeiro e, finalmente, transmitidas para Porto Alegre.

A Pampa, ligada à Rede Manchete, publicou um rápido programa com informações diretas do México, de seis edições diárias, em média. A TV Guaíba transmitiu os jogos em cadeia com a Rede SBT — Record (montada pelo animador Sílvio Santos). Segundo José Bill Lara, gerente de programação da emissora, "a Guaíba procurou regionalizar a cobertura", mostrando entrevistas com personalidades gaúchas, antes e depois dos jogos, sob o comando de Darci Filho.

RÁDIOS

Em se tratando de emissoras de rádio, a Gaúcha e a Guaíba realizaram a melhor cobertura do estado. Valter Gonçalves dos Santos, coordenador de esportes, conta que "a Rádio Gaúcha começou a elaborar um plano de cobertura, logo após as Olimpíadas de Los Angeles, quando o repórter João Carlos Belmonte passou a enviar informações de como os mexicanos estavam se preparando para o mundial. A partir daí, foi montado um comitê de copa para desenvolver um estudo sobre o nosso trabalho na Copa".

Além dos três locutores, cinco comentaristas, nove repórteres, um engenheiro e dois técnicos, que foram ao México, a rádio Gaúcha manteve uma equipe, em Porto Alegre, realizando os trabalhos de retaguarda. O departamento de esportes contou, também, com o apoio do setor de jornalismo, o qual atua nas ruas, mostrando a repercussão dos jogos.

"Estamos em rede com 160 emissoras; porém, este número pode ser superado, pois a cada dia novas rádios estão sendo integradas", explica. A Gaúcha teve, ainda, o "circuitinho ponta a ponta", ligando os estúdios de Porto Alegre às prin-

cipais cidades do México, onde foram realizados os jogos, durante 24 horas.

Já Luiz Carlos Oliveira, coordenador do setor de esportes da Guaíba, afirma que a emissora trabalhou com relação ao Mundial, desde o ano passado. Inicialmente, seria formada uma cadeia com a Rádio Clube do Paraná para a cobertura dos jogos no México. "Foi rompido o contrato, porque a nova direção entendeu que deveríamos transmitir com equipe própria", explica Luiz Carlos.

"A Guaíba confirmou o seu pioneirismo em Copas do Mundo ao enviar o seu Plantão de Estúdio, Antônio Augusto, ao país sede de torneio, constituindo coisa inédita na história da radiodifusão gaúcha". Além disso, foram ao México três locutores, dois comentaristas e dois repórteres. Ele afirma ainda que o departamento de esportes trabalhou em conjunto com a equipe de jornalismo, produzindo o programa "Guaíba no Mundo da Copa".

Luiz Carlos diz que 150 emissoras fizeram rede com esta estação de rádio, transmitindo para vários pontos do interior do Estado, Santa Catarina, Paraná, Minas Gerais, Distrito Federal e para a cidade de Misiones, da Argentina.

JORNAL

Por aqui, o jornal Zero Hora, além de cobertura diária dos jogos do México veicula um caderno especial, todas as segundas, além da cobertura diária. Participam deste caderno, com 32 páginas, os cronistas Rui Carlos Ostermann, Lauro Quadros, Paulo Santana, Hugo Amorim e as colunas de Zagalo, Falcão e Rubens Minelli, cujos textos são enviados por telex ou via telefone, quando necessário.

Luiz Henrique Fontoura

Qualidade: a marca da L&PM este ano

Ana Luiza Freitas



Através da arte, a criança descobre seu potencial

A arte de unir liberdade e criatividade

Um lápis de cor, um papel. Com apenas isso uma criança pode mostrar o seu mundo, um mundo feito de fantasia onde também existirá tudo aquilo que a cerca. Assim, ela descobrirá suas potencialidades e limites, e poderá, tanto quanto o adulto, aprender a conviver consigo mesmo, com suas frustrações e limitações.

Há 25 anos, a Escolinha de Arte da UFRGS parte deste princípio: A criança é livre para criar e se expressar; o professor é apenas um recurso. Desde a sua criação, em setembro de 1960, por Alice Soares, até hoje, a Escolinha mostrou — e provou — que educar exige liberdade. O resultado deste trabalho esteve na exposição "Arte — Educação — Aventura de Criar", no Museu Universitário, de 17 de abril a 3 de junho. Lá estavam reunidos cinco painéis, com cerca de 30 trabalhos, entre desenhos e pinturas, feitos por crianças entre 3 e 17 anos.

Atualmente, a Escolinha é dirigida por Iara de Mattos Rodrigues; possui oito professores e mais de 200 alunos. As aulas acontecem duas vezes por semana no Instituto de Artes da Universidade, com duas horas de duração cada uma. Neste período, a criança tem contato com papel, lápis, giz, madeira, tinta, pregos, argila e outros materiais, sendo dada a ela a liberdade de fazer o que quiser. "Temos que ver a idade da criança, o que ela sabe fazer, que tipo de necessidade ela tem e não tem", diz Eunice Coelho, uma das professoras da Escolinha. "A partir da realidade que ela nos apresenta, nós vamos ajudá-la, realizando aquilo que ela quer".

Para Beatriz Noll, outra professora, um fator importante é o tempo. "Não existe limite de tempo, existe o da aula, mas não o do fazer". Se uma criança quiser ela pode fazer vários trabalhos em uma única aula como realizá-lo durante vários dias. "O que a criança exige", segundo Eunice, "são os meios e a atmosfera. Ela quer ser respeitada naquilo que faz e quer ter toda uma atmosfera para poder realizar seu trabalho". Desta forma, é possível fazer a criança crescer integralmente. "É na medida que ela descobre suas limitações e capacidades, que ela cresce, fica mais forte para atuar no mundo lá fora", acentua Eunice. "No momento que ela entra aqui e se sente como pessoa, ela descobre que tem um nome, tem características próprias, o professor conhece o seu trabalho, aí então ela está fortalecida".

Esta postura adotada pela Escolinha vai, em diversos pontos, de encontro às metas de uma escola comum. "A escola está muito preocupada em informar. É um aprendizado muito de fora para dentro, valores de uma cultura ou geração", critica Eunice. Para ela, o professor é um mero "atravessador", que não dá incentivos para que a criança crie. Beatriz lembra que "na escola, ela é mais uma entre 30 ou 40, enquanto que aqui ela é tratada como um" (há cerca de 12 a 15 alunos por turma). Para Eunice, é preciso rever a escola, o conceito, por exemplo, do chamado "domínio de classe": "Para o professor é muito difícil dar liberdade para uma turma de 30 alunos, porque as crianças vão se movimentar de maneira diferente, vão fazer outro tipo de exigência". E questiona: "Do início de classe é colocar todo mundo bonitinho, sentado repetindo as coisas certas na hora certa ou é o professor estar bem com o grupo, respeitando-o e dando liberdade?"

Adrián Alexandri

Felizmente não é só em quantidade que os lançamentos da L&PM Editores se destacam neste ano. Eles estão marcados pelo alto nível qualitativo das obras. O editor internacional Eduardo Bueno, após viagem aos EUA, trouxe mais novidades.

Entre elas destacam-se as autobiografias dos diretores de cinema John Huston e Akira Kurosawa e do artista plástico Marc Chagall, além das biografias de Mishima, "o mais importante escritor moderno japonês", segundo Bueno, e a de Jean-Paul Sartre, que é considerada pela crítica a melhor biografia já feita sobre o filósofo francês.

Uma coleção de quadrinhos também está prevista, com as primeiras edições de Mandrake, Fantasma, Popeye, Betty Boop, Hagar e Recruta Zero, além das "Viagens de Gulliver", com anotações e comentários de Isaac Asimov.

Outro livro que está sendo lançado é "O Emblema Rubro da Coragem" de Stephen Crane, um clássico sobre a Guerra da Secessão pela primeira vez lançado com seu texto integral.

Eduardo Bueno destaca na área de clássicos a versão integral da história de Robinson Crusoe. "Aqui no Brasil aparece muita versão adaptada para crianças, quando na verdade é um livro seríssimo". Ele ressalta um trecho, nunca publicado no Brasil, em que Robinson Crusoe vem para Pernambuco e vira senhor de engenho.

Para os jovens, a L&PM tem reservado "Brilho da Noite, Cidade Grande" de Jay McInerney, que, como conta Bueno, era o

livro mais lido pela juventude norte-americana quando ele lá esteve. "Esta é a primeira novela do autor e trata da cocaína nas danceterias. O assunto é bastante denso e sério apesar de parecer uma bobagem. Fui no editor e consegui os direitos para a L&PM" diz ele, acreditando muito no sucesso da obra. Quanto aos "beats", vai ser lançada a autobiografia de Neil Cassidy, o "beat" mais autêntico, que leva o nome de "O Primeiro Terço". Também será publicado "Queda da América", de Allen Guinsberg.

Mas um lançamento que Bueno considera dos melhores no Brasil é "Sob o Sino de Saturno", de Susan Sontag. São oito ensaios sobre personalidades da literatura, como Paul Goodman, Walter Benjamin, Elias Canetti e Roland Barthes. "Na

verdade o livro é uma discussão sobre estética e moral. Até que ponto basta se fazer uma obra perfeita esteticamente, mas fascista na moral. Ela discute a moral do fascismo, a moral das obras literárias e qual a função moral do escritor numa sociedade de classes. É um livro brilhante", conclui.

UNIVERSIDADE LIVRE

Outra coleção que deverá ter muito sucesso é "Universidade Livre". Serão vários ensaios de aproximadamente 80 laudas. Os primeiros abordam os anos 50 (João Luiz Albuquerque), 60 (Luiz Carlos Maciel), 70 (Paulo Leminski) e 80 (Pope Escobar). A programação inclui outros temas: os Agrotóxicos no Brasil, Parques Nacionais Brasileiros, Devastação no Pantanal, Devasta-

ção da Amazônia, Missões Jesuítas, Arquitetura Brasileira, Robotização, Arma-mentismo no Brasil, Arqueologia Brasileira, Pacifismo, Partido Verde, Homem Pré-Histórico no Brasil e Cultura e Desenvolvimento.

COLEÇÃO HISTÓRIA

A Coleção História já publicada pela L&PM é outro destaque. "É uma coleção que resgata textos históricos que a gente só tinha ouvido falar. Nós sabíamos que existiam, mas nunca tínhamos visto. Não é uma análise da história. É a história escrita por aqueles que a viveram", afirma Bueno. A Coleção se divide em três partes. "A visão do paraíso" é a primeira, com relatos dos navegantes e exploradores, como Colombo, Américo Vespúcio e Marco Polo. "Os conquistadores" é a segunda parte. É a história daqueles que vieram na trilha dos exploradores dispostos a saquear movidos pela ganância. A terceira parte é "A Visão dos Venetidos", que mostra como os habitantes primitivos viram a invasão de suas terras. Os maias, astecas e incas eram letrados e deixaram registrado o acontecimento mais terrível que sofreram.

Dentro desta coleção, Eduardo Bueno destaca "Resistência Indígena", que é o único livro não escrito por quem viveu a história. São relatos organizados por uma antropóloga, com todos os movimentos de resistência indígena do México até a Patagônia. Esta coleção deve ter, no mínimo, 30 volumes.

Lúcio Flávio Haeser

Partido Negro vai lutar contra a discriminação

LEGALIZAÇÃO

O PNB está sendo formado em vários estados do Brasil: Bahia, Espírito Santo, São Paulo, Rio de Janeiro, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Como no restante do País, aqui o Partido Negro Brasileiro ainda não foi legalizado. Guarany explica que em 85, os trâmites legais foram todos acionados, dentro do prazo estipulado pelo Governo, para a legalização dos novos partidos. O PNB deixou de se legalizar por questões financeiras.

Na época, o partido não possuía os Cr\$ 15 milhões exigidos para o reconhecimento oficial. No momento, os integrantes do PNB aguardam uma lei governamental, possibilitando a legalização dos novos partidos.

Fundado em setembro de 85, numa cerimônia na Câmara Municipal, onde divulgou o seu manifesto e programa, o Partido Negro Brasileiro faz parte, no momento, da executiva da Frente Popular. A Frente Popular é formada ainda pelo PSB, CREA, OAB e a Corrente Prestista.

O candidato da Frente Popular ao Governo do Estado é Fúlvio Petracco, presidente da CREA e representante do Partido Socialista Brasileiro.

"Não somos um partido racista, estamos abertos a qualquer pessoa, independente de sua cor. Também apoiamos outros movimentos, como a Frente Popular, desde que estes apoiem também nossas principais lutas: socialização do Brasil e a reintegração do negro na nossa cultura", conclui Guarany Santos.

Márcia Regina Gomes



Impasse nas eleições da UNE e UEE's

As eleições para a União Nacional dos Estudantes, UNE, realizadas dias quatro e cinco de junho, foram as mais conturbadas dos últimos tempos. Em alguns Estados do País, o pleito elegeu, além da nova diretoria da UNE, também as das UEE's, União Estadual dos Estudantes.

Ocorre que, em São Paulo, a eleição da UEE foi colocada sob suspeita de fraude, com a acusação de que 14 faculdades fantasmas estariam se inscrevendo para votar. A eleição da UEE paulista foi suspensa. Das seis chapas que concorreriam à UNE, três retiraram a candidatura, alegando que sairiam prejudicadas, já que São Paulo comporta um terço do eleitorado. Com a retirada das três chapas, justamente as mais fortes da oposição, a votação esfriou por completo, e praticamente passaram a comparecer nas urnas os simpatizantes das chapas da situação.

Apoiada pela atual presidência da entidade, a chapa UNE Livre encabeçada pela mineira Gisela Mendonça, acabou sendo a mais votada. Saíram do pleito as chapas "Para Arrebrantar a Boca do Balão (PMDB, PCB e MR-8)", "Pra sair desta Maré" (PT), e "tem que dar certo", chapa liberal trabalhista apoiada pela juventude janista e pelo PTB. Além da chapa da situação, permaneceu no pleito a anarquista "Borduna Democrática", criada na USP.

A NOVELA CONTINUA

No Rio Grande do Sul, concorreram à UNE e UEE as chapas UNE Livre, "Pra sair desta Maré" e "Arrebrantar a Boca do Balão". As demais "Tem que dar certo" e "Borduna Democrática" só para a UNE. Dos cerca de 30 mil votantes do Estado, a maioria preferiu a chapa "Pra sair desta Maré", que teve um saldo de dez mil votos a mais que a segunda colocada, "UNE Livre". Contudo os dados oficiais não são conhecidos, pois a comissão eleitoral, que se reuniu dia dez de junho para iniciar os trabalhos de revisão e fiscalização do material, e segundo Douglas Mattos, atual presidente da UEE, só chegaria a um resultado final em 20 dias, acabou criando um impasse. Dos seis integrantes da comissão eleitoral, três se recusaram a efetuar os trabalhos de revisão. Foi convocado um Conselho Estadual de Entidades, CEE, no dia 14 de junho, onde foram constatadas irregularidades na UEE, cujo presidente não compareceu ao CEE. Segundo José Miguel Martins, que encabeça a chapa vencedora, "Pra sair desta Maré" vai assumir a direção da UEE.

A comissão eleitoral, contudo, será alterada nos próximos dias por ter mudado a composição do DCE da UNISINOS. Para eleger a atual comissão, houve um conselho de entidades, representantes dos DCE's da Universidade Federal de Santa Maria, Unisinos, PUC, Universidade de Passo Fundo, UFRGS, e um representante da diretoria da UEE. O DCE de cada Universidade faz a apuração de seus votos, e a seguir envia o material para ser examinado pela comissão eleitoral, que tem sua sede na Avenida João Pessoa, 41, atual sede da UEE.

Maria Beatriz Andrade

Professores de Comunicação discutem condições dos cursos e defendem permanência do diploma

Congresso de Comunicação discute o fim do diploma

A grande maioria das escolas de Comunicação Social do Brasil é deficitária em laboratórios e equipamentos. Das 64 existentes no País, duas podem ser consideradas muito bem equipadas: a Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo — USP e o Instituto Metodista de São Bernardo do Campo.

A Resolução 02/84 do Ministério da Educação e Cultura — MEC estabelece prazos e impõe como exigência o suprimento dessas carências. Caso contrário, as faculdades serão fechadas. Este foi um dos temas do I Congresso Brasileiro de Ensino da Comunicação Social realizado em São Paulo no período de 12 a 16 de maio de 1986.

O congresso foi promovido pela Associação Brasileira de Escolas de Comunicação (ABECOM) e patrocinado pela Federação Latino-Americana de Associações de Faculdades de Comunicação Social (FELAFACS) com o apoio da USP.

A professora Maria Helena Weber, Coordenadora da Comissão de Carreira da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e o professor Blásio Hickmann, Vice-diretor da Faculdade, são dois representantes da universidade que estiveram presentes ao congresso. Ambos afirmam que houve muitas discussões sobre técnicas e qualidade de ensino, corpo docente, currículos e a questão da formação profissional.

EXTINÇÃO DO DIPLOMA

Blásio Hickmann considera que o ponto de maior importância nas discussões foi o projeto de lei do deputado paulista S Sebastião Nery. Ele propõe a extinção do diploma para jornalistas e revoga o Decreto-lei 972, de 17.10.69, que exige essa obrigatoriedade. Já Maria Helena Weber acha que a reunião de 17 escolas de Comunicação do País, pela primeira vez na história, foi a questão essencial, porque segundo ela, a abertura do congresso contou com cerca de 600 pessoas, entre professores, estudantes e pesquisadores, em meio ao período letivo. "Isso", diz a professora, "significa um grande fortalecimento da área". Ela disse ainda que essa reunião foi interessante devido à troca de experiências e à constatação de que os problemas das universidades brasileiras são semelhantes. Helena Weber salientou, também, que a questão da extinção do diploma foi bastante discutida e que o jornal Folha de São Paulo apoiou o projeto do deputado paulista. Durante o congresso, a "Folha" publicou numa das páginas centrais todo o projeto de Sebastião Nery e somente três linhas "menores que as Rebarbas do 3x4" — diz ela — a respeito do evento das escolas de Comunicação.

PEDRA NO SAPATO

Blásio Hickmann diz que a abolição do diploma não é extensiva às outras áreas. Hoje, se exige graduação para Relações Públicas e Jornalistas. A profissão de Publicitário ainda não está regulamentada. Segundo Hickmann, todos os congressistas se preocuparam com a questão do diploma. E isto, diz o professor, "era a pedrinha no sapato. Foi oportuno, porque congregou esforços, vozes para rebater essa tese, promovida por algumas grandes empresas de comunicação".

Os dias que transcorreram de 19 a 23 de maio marcaram significativamente a história da jovem Associação Nacional dos Docentes do Ensino Superior. Com sete anos de idade, a ANDES nunca havia experimentado o sabor de uma disputa eleitoral interna. A necessidade de união contra "um inimigo comum", não permitira, nas três eleições anteriores para diretoria da entidade, outra coisa que não chapa única. Com o fim da ditadura militar e a chegada da transição democrática, as divergências políticas afloraram, fazendo surgir duas chapas com posições bem distintas: uma de "enfrentamento" e outra de "comprometimento" com o atual Governo Federal, cada uma assim definida pelo próprio adversário.

Nova República; nova postura, entenderam os integrantes da derrotada chapa de oposição, repre-

sentada em Porto Alegre pelo professor e engenheiro civil Miguel Palaoro, atual presidente da Associação dos Docentes e Pesquisadores da PUC (ADPPUC). Ele concorreu a 1º secretário pela Chapa 2, "Andes, Hoje". Para Palaoro, a nova realidade política nacional abriu, dentro das próprias instituições governamentais, espaços de participação que não podem ser desprezados, a exemplo da representação oferecida à Andes na "Comissão de Alto Nível" do Ministério da Educação para a reforma universitária.

Manter-se na postura de mero protesto isola e paralisa o movimento docente numa visão ultrapassada da conjuntura nacional, defendeu a chapa 2. Na opinião de Palaoro, "atacar indiscriminadamente o governo, esquecendo que nele há também setores progressistas, é fortalecer os setores conservadores". E, a consequência

disso, são brechas abertas para um retrocesso, conclui o professor.

AUTONOMIA

No contra-ataque, uma professora da Biblioteconomia da UFRGS, que fez campanha para a chapa situacionista, acha que a Nova República não foi suficientemente nova para justificar uma mudança de postura na direção da Andes. "Se queremos manter a autonomia da entidade, não podemos nos filiar a comissões dentro do MEC. Significaria comprometimento com o governo, e nós fugimos a isso", declara Evangelina Veiga, sobre o talvez mais esclarecedor ponto de divergência entre as chapas.

Se, por um lado, Palaoro entende que autonomia não é sinônimo de omissão, por outro, para Evangelina o voto da Andes na comissão seria insignificante, "pois seria sempre voto vencido". E mais: ainda serviria de respaldo aos planos do

governo, que tendem à privatização do ensino, garante a defesa da chapa "Andes, autonomia democrática".

As divergências resultantes das duas visões distintas da conjuntura política brasileira não param aí. Para os opositoristas, a diretoria da Andes deveria dedicar questões acadêmicas (ensino, pesquisa, qualificação profissional) o mesmo peso que a questões sindicais. "Isso não acontece", conclui Palaoro. A situação, no entanto, acredita que o aperfeiçoamento do ensino e da pesquisa passa necessariamente pela conquista de melhores salários e mais verbas para a Universidade.

AMADURECIMENTO

Divergências à parte, o surgimento de duas chapas amadureceu o movimento docente, segundo Evangelina e Palaoro. "A Universidade ganhou com o debate",

Ana Luiza Freitas



Milena: congresso fortaleceu a área

Helena Weber concorda que as empresas têm interesse na aprovação desse projeto de lei, mas, para ela, essa discussão envolve ainda a questão sindical, política, informática, piso salarial, reserva de mercado e mais as questões de ordem cultural. Segundo a professora, está se fazendo uma movimentação, a nível nacional, sem que isso tenha sido organizado, onde as escolas se reúnem e tiram documentos que mostram o fortalecimento dos cursos.

O professor de Laboratório de Textos da FABICO, Telmo Cardoso Costa, diz que dentro da própria UFRGS não é levada em conta a obrigatoriedade de assinatura do jornalista não consta o responsável, pois no Jornal da UFRGS nome dessa pessoa nem o seu registro profissional. Já o professor Blásio acha que se o jornal da Universidade está sob a responsabilidade da Assessoria de Imprensa, subentende-se que exista pelo menos um profissional responsável.

Maria Helena Weber e Blásio Hickmann dizem que o projeto que a FABICO encaminhou ao MEC, solicitando verbas e equipamentos, que a faculdade já ganhou, foi elogiado no Congresso. Foi elaborado um documento, assinado pelas 17 universidades, pedindo à Secretaria de Ensino Superior (SESU) uma dotação específica para equipar as universidades federais na área da comunicação. Foi solicitada também uma reunião nacional que vai se realizar em Brasília, onde coordenadores do curso e chefes de departamentos vão discutir a questão dos cursos de Comunicação e reivindicar equipamentos e instalações necessárias para a implantação do novo currículo, de acordo com as exigências do MEC.

Silvanete de Assis

Com a Nova República, ANDES

LÉO G.



Gaúchos não foram ao VI ERECOM em Curitiba

“Olá, colegas jornalistas, publicitários, relações públicas, radialistas, comunistas, malufistas, marxistas, petistas, punks, peemedebistas, darks, pós-modernos, capitalistas, alcoólatras, hippies, abstêmios, socialistas, ecologistas, verdes, rosas, pretos, brancos, amarelos, vermelho de bolinhas azuis, intelectuais, imbecis, pefelistas, retardados, pedessistas, surfistas, socialistas-morenos, bregas, fãs do Roberto Carlos, colunistas sociais, gays, catarinas, gaúchos e paranaenses. Se você pertence a qualquer uma dessas categorias acima é bem vindo ao VI ERECOM”.

Esta foi a chamada dos alunos da Universidade Federal do Paraná, para a realização do IV Encontro Regional de Comunicação do Rio Grande do Sul.

Conforme César Costa, que cursa o segundo semestre na FABICO, UFRGS, o motivo do boicote ao Encontro foi o atrelamento político e a elaboração do programa, feita pelos alunos do Paraná, sem consultar os demais colegas de outros Estados.

NINGUÉM DA ÁREA

José Alaor de Oliveira, presidente do Centro Acadêmico Alberto Pasqualini (CAAP), da Faculdade dos Meios de Comunicação Social (FAMECOS) da PUC/RS, concorda com César Costa e acrescenta também que a data do ERECOM foi imprópria porque ficou no meio do período letivo. Além disso, as faculdades de Comunicação de Caxias do Sul, Santa Maria e Pelotas estavam em greve, fato que não foi levado em consideração.

Alaor diz que em reunião no dia 15 de maio de 86, no CAAP, com estudantes de Santa Maria, Santa Catarina e Paraná, tentou-se mudar os

dias do encontro e discutir a escolha dos palestrantes. Mas, segundo ele, a pauta já estava pronta e sem condições de alteração. José Alaor se ressentia ainda porque para o dia da abertura do encontro o tema era Comunicação na Constituinte e, no entanto, nenhum dos palestrantes era ligado à área. “Por esses e outros motivos é que ninguém da FAMECOS foi ao encontro”, diz ele.

Flávio Ilha e Cassilda Golin Costa são alunos da FABICOS e estiveram no ERECOM no último dia. Foram a Curitiba cuidar de outros interesses e aproveitaram para assistir à palestra do professor Eurico Schwinden, da Universidade Federal do Paraná (UFPR), sobre o ensino da Comunicação nas universidades brasileiras. Segundo Flávio, o encontro estava esvaziado e ele acredita que isso aconteceu devido à desorganização dos responsáveis pelo evento e em função da pauta, decidida pelos estudantes paranaenses. Para Cassilda, o ERECOM não foi realmente um encontro de escolas de Comunicação por causa de brigas entre diretórios acadêmicos. Flávio acha que o programa estava muito a nível do Paraná e deveria ser regional.

Alaor Oliveira conta que ao perguntar a Márcia Eneida Bueno, presidente do Centro Acadêmico da Faculdade de Comunicação do Paraná, sobre o que falaria o alemão Dieter Prokop, palestrante do 2º dia, obteve como resposta “um não sei”. Ele pergunta: “Como pode convidar alguém e não saber o tema da palestra?”. Para Alaor, esse não foi o IV ERECOM. O verdadeiro encontro, segundo ele, acontecerá em 28, 29 e 30 de agosto na PUC/RS, com a participação dos estudantes na escolha da pauta e sem interesses voltados para candidatos políticos.

Silvanete de Assis

S se divide em facções

à privatização a defensora autônoma e

sultantes de conjuntura param por as, a diretoria dedicar a ensino, profissional) o estões sindicais, conta no entanto, oamento do assa necessista de me verbas para

o surgimadureceu segundo “A Univer debate”, di-

Ana Luiza Freitas



Evangelina: sem comprometimento

zem ambos. E Miguel Palaoro acrescenta que a discussão puxou para a participação consciente muitos que até então andavam “a reboque das vanguardas”.

O placar final dos votos mostrou 13.877 para a chapa 1 e 10.816 para a chapa 2. A Andes tem cerca de 35 mil filiados em 70 universidades e escolas superiores. Na FABICO, a oposição não agradou muito: apenas 5 votos contra 29 para chapa 1.

A nível de Estado, a situação foi inversa. Com vitória principalmente nas grandes Universidades (UFRGS, PUC, as de Santa Maria e Rio Grande), a oposição fez cerca de 400 votos de diferença. Para Palaoro, porque o movimento docente gaúcho é dos mais politizados, fortes e dinâmicos. Para Evangelina, que já foi conselheira da ADUFRGS, porque no Sul ainda predominam as alas conservadoras.

Mônica Izaguirre

Ana Luiza Freitas



Para conseguir um canal, pedido direto a Juscelino

Rádio da UFRGS, uma história de dificuldades

Caio Damasceno Ferreira foi funcionário da Rádio da Universidade quando ela ainda engatinhava e participou de todos os momentos de implantação da emissora na década de 50. Os trabalhos iniciados eram muito amadorísticos e não contavam com pessoal especializado.

“As transmissões abordavam palestras ou fóruns, exclusivamente para manter o prefixo no ar, mas o trabalho era feito por profissionais técnicos que não entendiam de rádio”, explica Caio Ferreira. A história da Rádio é pródiga de exemplos de “Furos” que só eram tapados, segundo Caio, porque “muitas vezes na ausência do locutor quem ia fazer esta função eram os assistentes técnicos, como eu”.

O equipamento era todo improvisado, transformado de velhas doações de transmissores sem uso da Marinha e do Instituto de Meteorologia. Este material serviu para projetar outros transmissores mais modernos. O espaço da Rádio era mínimo: 2 salas e um pequeno estúdio. A fase de construção durou 2 anos, onde os equipamentos e torre foram pacientemente elaborados pela Escola de Engenharia e os técnicos da Rádio.

A programação sempre foi muito semelhante a atual. Havia a gravação de concertos da OS-PA, no Teatro São Pedro, que tinham a supervisão técnica de um maestro. Isto mesmo. Ninguém entendia de radiodifusão, por is-

so, no início, o maestro Pablo Komlos colaborava no controle da acústica.

PEDIDO A JUSCELINO

A concessão, na década de 50, de um canal de rádio era feito através do DCT (Departamento de Correios e Telégrafos). O diretor da Rádio, enfatiza Caio, comunicou ao então Reitor Paglioli que o DCT estava propositalmente dificultando a concessão de um canal. Os motivos teriam sido políticos. O Reitor denunciou ao ministério do Governo Juscelino, que provocou a pronta intervenção e a cessão do canal.

Por diversas vezes, Caio relembra, a Rádio passou por situações de perigo como o fogo nos transformadores excessivamente vedados. Mas, a sorte estava sempre do lado da pequena emissora. Nem mesmo quanto o barco que transportava óleo diesel para os transmissores da ilha do Inglês, virava na correnteza do Guaíba, os corajosos funcionários esmoreciam.

Exemplos como este são fartos na história da rádio, e Caio salienta: “Sabíamos que estávamos construindo alguma coisa e isto é fundamental no trabalho de um ser humano. Todos faziam todas as funções. Mesmo a pequena audiência nos era fiel. Quando a rádio saía do ar, os telefones não paravam. “Era e é o sempre fiel público da rádio”.

Kátia Rocha

TRÊS QUARANTO FORMANDOS

Este é o último jornal laboratório da turma de formandos do 1º semestre de 1986. Neste encarte fazemos uma homenagem à terceira turma de jornalistas formada por essa Universidade. Foi em 1956. Quando raramente uma mulher seguia carreira universitária, dos cinco formandos, três eram mulheres.

Outro dado curioso é que, na época, o curso contava com 21 professores. Hoje em dia, há 14 professores lecionando jornalismo na Fabico. Muita coisa mudou de lá para cá. Na Faculdade e no país. Em 1973, o jornalista Geraldo Canali conquistou o primeiro lugar num concurso para professores realizado na Fabico, mas foi acusado de "esquerdista" e não pôde ficar com a vaga. Perderam os alunos a oportunidade de contar com a experiência de um grande profissional, que agora recebe a justa homenagem como paraninfo desta turma de Comunicação.

Dedicamos a contra-capa deste encarte a uma entrevista com ele. Na página Central, os formandos contam fatos inusitados que ocorreram durante os anos em que estiveram na Faculdade. E, com muito bom humor, oferecem os melhores negócios através de anúncios classificados. E por falar em anúncio, não perca a grande festa de formatura!



Arquivo 3x4

Os formandos de 1956, Iára, Eunice, Índio, (o professor Salvado Bruno, paraninfo) Germano e Olga.

Não perca a grande despedida! No dia 1º de agosto, às 20 horas, no Salão de Festas da Reitoria da UFRGS, uma excepcional formatura de comunicação social da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, estrelando:

Geraldo Canali, como paraninfo da turma;
Mário Rocha, como professor homenageado do curso de jornalismo.
Sergio Rosa, como professor homenageado do curso de Relações Públicas e Publicidade e Propaganda;

E, no papel principal:

JORNALISMO Adrian de Alexandri

Ana Luiza Pires de Freitas
Arthur Danton de S. e S. Neto
Cezar Augusto Gazzaneo
Elton L. Berbigier
Enoi D. Liedke
Jaqueline Chala
Karla Maria MulLer
Kátia R. M. Rocha
Léo Gerchmann
Luiz Antônio Neis
Luiz H. M. Fontoura
Marcia Regina Gomes
Maria Beatriz M. Andrade
Maria Luiza Jucoski Barbosa
Mônica da O. Izaguirre
Ronaldo da S. Nunes
Silvanete de Assis Silva
Suzana Naiditch
Thala H. F. Lopes

Publicidade e Propaganda/Relações Públicas Alexandre A. Valentim

Annette P. Bittencourt
Ari I. Dias Rodrigues
Carmem M. Ribeiro
Lilliana Sulzbach
Lúcia M. Klein
Marga V. M. Torrez
Mário Romera
Patricia B. de Oliveira
Roberto Ferrari
Susana F. da Silveira
Volnei Freitas

E ATENÇÃO !!!

Para os 32 formandos de 1986/1, o paraninfo está oferecendo um maravilhoso churrasco, no dia 28 de julho. Só falta saber onde será, mas uma coisa é certa: o bairro é o Menino Deus.



Artur tirando cola da Zero Hora

Arthur Danton conta que quando ainda era calouro foi assistir a uma das primeiras aulas, que era de Introdução ao Cinema. "Estranhei que a professora só falava de TV, fazendo uma referência ao cinema comparativamente. Já estava de saco cheio daquelas histórias e ia reclamar: mas afinal, esta aula é de cinema ou de televisão? Então, perguntei para Ananda, uma colega, qual era o nome daquela cadeira. Descobri que era de TV mesmo. Saí de fininho. O Zé, que estava comigo nesta cadeira, não perguntou para ninguém ficando até o final da aula. Outro dia, ele veio reclamar para mim: pô cara! A aula não era de cinema".

Formatura: final de uma dura etapa

Quatro anos se passaram, para alguns mais, outros menos. Mas o certo é que durante um curto período convivemos num mesmo espaço, vivendo problemas semelhantes. Talvez o tempo até não tenha sido tão curto, assim. Para alguns foram realmente anos intermináveis, e aquela frase que diz "os alunos encaram esta faculdade como uma prova de obstáculos em cuja linha de chegada encontra-se um diploma", tornou-se uma verdade. Não há nenhuma estatística provando que no curso de comunicação o índice de desistência seja maior que nos outros, mas, por experiência própria, a gente viu durante esta corrida de obstáculos colegas calando, alguns desistindo, outros levantando e outros que só agora ao final da corrida perceberam que estavam no páreo errado.

A entrada na faculdade já foi um choque muito grande. Não há mais aquele espírito de turma, ninguém te toma pela mão para mostrar o que tem de ser feito. Pela primeira vez tomamos consciência da nossa responsabilidade para com a formação profissional. Também pela primeira vez sentimos a forte competição existente na área, que começa desde os primeiros semestres. Os "monstros sagrados" do jornalismo nos perseguem do início ao fim do curso. No meio dos corredores, quase sempre vazios, procuramos a turma dos tempos de colégio. Bem que a gente tentou nos primeiros semestres. As saídas e as festas que invariavelmente terminavam em porres homéricos vão ficar na história de cada um de nós. Por que tudo isto não continuou? Não é possível explicar com certeza, mas a teoria corrente é de que as pessoas no início do curso estavam mais abertas e com o passar do tempo foram selecionando as amizades e formando pequenos grupos que, mesmo unidos durante as aulas, se viam raramente.

De tudo isso a gente sabe que ficaram somente as histórias que alguns de nós viveram, e que, correndo de boca-em-boca, tornaram-se verdadeiras "lendas" dentro da faculdade, mistificando os protagonistas e seus atos. Quem não lembra da campanha "eutanásia para Moacyr Flores"? Frases como "em nome da humanidade, desliguem os aparelhos" percorreram e divertiram todo o prédio. Ou ainda a investigação para saber quem vedou a porta do DABICO com durepoxi. Seus autores, apesar de facilmente identificáveis, nunca foram reconhecidos. Ou então, o coro de fantasmas que percorreu a FABICO certa noite sem luz. Uma ótima oportunidade para quem não conhecia os cantos gregorianos. Mas as histórias são realmente muitas, e uma só memória não poderia enumerá-las.

Além do mais o que importa mesmo é que todos estes atos, considerados vândalos por alguns, eram a única forma que toda uma geração acostumada ao silêncio encontrou para protestar contra a ineficiência de todo um sistema de ensino ineficaz. A verdade é que os tempos agora são outros e os próximos alunos da FABICO, futuros redatores do TRÊS POR QUATRO, vêm com outro espírito. Uma prova disso foi a recente "derrubada" do professor da cadeira de Economia. Parece que finalmente a apatia está cedendo lugar à conscientização dos alunos de seu poder dentro de uma Universidade. A nós cabe apenas observar estupefatos a movimentação, e talvez contar algumas histórias...

Ronaldo Nunes fala que aconteceu algo de pitoresco no seu segundo semestre, quando cursava a disciplina de Psicologia da Informação, cujo o professor era Fernando Lopes. "No final da cadeira, ele pediu um trabalho sobre um livro do Freud, o mesmo que já tinha pedido no semestre anterior. Como aluno interessado e esforçado que sempre fui, peguei o trabalho do Vavá, colega já formado, que tinha feito a cadeira. Ronaldo afirma ter dado o seu toque pessoal ao mudar a capa ao entregar o trabalho. A nota máxima era 40. 'Foi o que eu tirei. Só que o Vavá ficou com 35. Ali, eu descobri o valor de uma capa'".



Ronaldo assumindo no ponto final



Caparelli caçando tatú

As histórias são muitas nas aulas do professor Moacyr Flores. Luiz Ferrareto conta que em História do Brasil, este mesmo professor falou durante três semanas sobre a revolução de 1930. Uma aluna perguntou que revolução era esta. Moacyr Flores respondeu: "tem umas perguntas que eu tenho que contar até 10 para continuar vivendo".

Classificados do 3 x 4

VAGAS ACUMULADAS. Não perca. Mais quarenta vagas, pelo menos, para moças de fino trato. Se você esperar mais alguns anos, pode comprar uma faculdade inteirinha, só para você.

PROCURA-SE PROFESSORES. Grande oportunidade. De qualquer área, com qualquer formação, para qualquer disciplina. Interessados dirigir-se a qualquer sala da Fabico.

CONCORRÊNCIA. Procura-se lojas para consertos de máquinas fotográficas. Grande contrato. Pelo menos dez consertos por mês. Tratar com Wallace.

ACEITA-SE. Contribuições voluntárias para a festa dos

formandos. Donativos podem ser entregues na sala 705, da Fabico.

VENDE-SE papel velho, jornais e alguns livros. Tratar na Biblioteca da Fabico, na "calada da noite", com as bibliotecárias.

NÃO PERCA. Aluno formando negocia seu caderno, com material de todas disciplinas cursadas. Apenas dez páginas preenchidas. Resumo geral do curso de Comunicação. Útil, somente, para alunos que estão ingressando no curso.

PROCURA-SE. Loja ou sala comercial bastante ampla para instalação de almoxarifado. Urgente. Tratar no térreo da Fabico.

VENDE-SE coleção de discos usados adquiridos durante o curso de Comunicação. Pouco uso e apenas um defeito: um "leve" carimbo da Rádio da Universidade nas capas.

PROCURA-SE cobaias para o Centro de Orientação e Seleção Psicotécnica, para cair nas garras dos alunos de psicologia, sedentos de neu-

roses. Tratamento completo: choques, injeções na veia e duas semanas de solitária. Venha logo, antes do despejo.

SALDOS E PONTAS. Vendem-se matérias que sobram das edições do Três por Quatro. É só atualizar os dados. Não requer prática nem habilidade.

DIAGRAMADORES — Precisa-se urgente. Para trabalhar no Correio do Povo. Não é necessário saber a diferença entre Paicas e

Ciceros. Favor trazer a régua de casa.

COMPRA-SE. Bomba de ar. Preciso urgente para encher pastéis. Tratar c/Lena no bar.

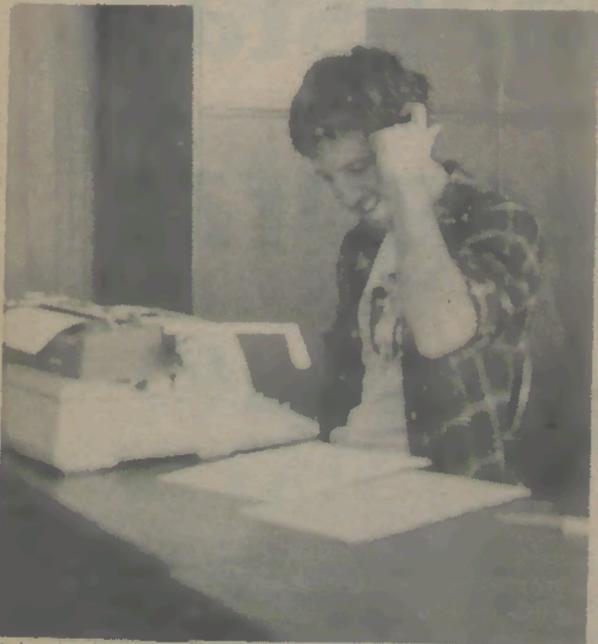
PROCURAM-SE MOÇAS. Curso superior com 50 vagas sobrando procura moças de fino trato em busca de diploma. Interessadas apresentar-se na Fabico.

NEGOCIA-SE. Kombi 66; às vezes funciona. Vende-se, aluga-se ou troca-se por uma estante. Motivo: guardar

rescalo
nal do
to, de B

TROCA
dator d
por re
"verda
sala 30
surgiu

DÁ-SE.
de três
com not
reprova
Compel
tes que
o jogu
queline



Léo rindo do popoque do Moacyr Flores

Elton Berbigler acha que no decorrer dos longos e intermináveis oito semestres e que mais se ouve são críticas quanto a falta de qualidades do curso. Para ele, o mais triste é que o jornalismo da UFRGS se situa entre o péssimo e inqualificável.

"Termino o jornalismo para agora começar a estudar", diz Márcia Gomes. Ela afirma que neste final de curso tem consciência de que não sabe quase nada sobre jornalismo e, por isto, acha que ainda tem muito para aprender.



Luis Henrique e Jaqueline de costas para não serem reconhecidos

Thais Lopes fala que uma das boas lembranças que possui desta faculdade maldita é a de um carinha que trabalhava no bar, quando ela entrou na Fabico. "O Mário era um venezuelano que tocava violão muito bem e cantava superalto. O mais interessante é que ele estava sempre bêbedo e esquecia de cobrar o que a gente comia. Ele dava um clima todo especial ao nosso aconchegante barzinho".



"Quando fizemos a cadeira de Cultura Brasileira com o professor Moacyr Flores", conta Léo Gerchmann, "a chamada era feira através de uma folhinha. Eram 60 alunos, ouvindo o professor falar sobre popoque — um objeto que faz o índio ficar beicudo — e do carnaval no Brasil colônia". Léo fala que ao invés de diminuir o número de alunos com estas chatices, a chamada era entregue em, no mínimo, 3 laudas com nomes muito importantes, como por exemplo, o do Papa, o Presidente da República, jogadores de futebol, e atores de novela.



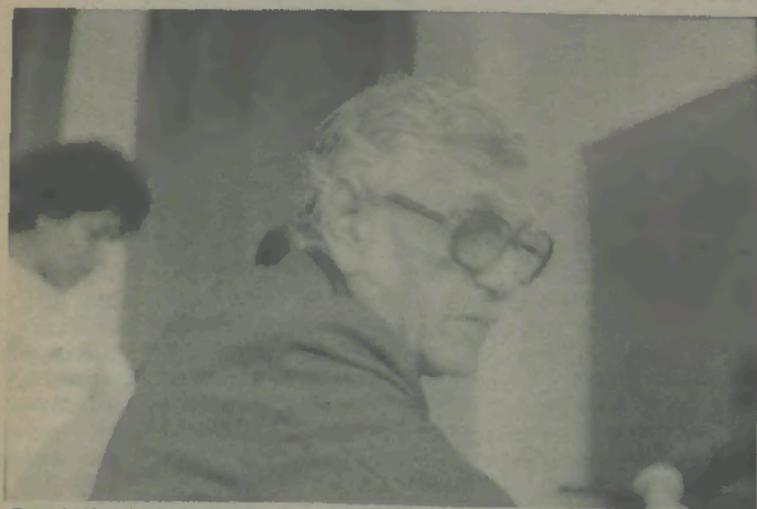
Maria Luiza medindo a língua em paicas

Silvanete de Assis diz que vários fatos marcaram sua passagem pela Universidade. Ela foi reprovada duas vezes na disciplina de Pesquisa e Mercadologia com o professor Sérgio Rosa. "As aulas eram no sábado, às 9h30min, e eu achava um sacrifício assisti-las para ouvir o professor falar que comprava queijos e vinhos na Banca 44 do Mercado Público, explicar curvas elásticas e inelásticas, etc. Graças a Deus, o currículo mudou e esta cadeira foi dividida em duas outras".



Cezar Augusto assinando a chamada

Estas estórias e declarações se confundem com a própria Faculdade. Saímos daqui com muita saudade e uma pequena bagagem. Saudade de pessoas queridas que durante quatro anos vivenciaram um problema comum — estudar numa escola que pouca coisa teve a nos oferecer. A batalha agora será muito mais séria. Precisaremos, certamente, de muita sorte.



Bendati: el professor

rescaldo do Instituto Nacional do Livro. Tratar no Depto. de Biblioteconomia.

TROCA-SE. Posição de redator de jornal universitário por redator de jornal de "verdade" (!!??). Tratar na sala 305 da Fabico, quando surgir um desta categoria.

DÁ-SE. Currículo da UFRGS de três semestres e meio, com notas entre A e B e uma reprovação em Jornalismo Comparado. Venha logo antes que seu dono desavisado o jogue fora. Tratar com Jaqueline na Redação.

TROCO: Máquina de escrever com muito uso por um berço com pouco uso. Motivo: casamento inesperado. Tratar na Fabico com Laura.

TROCO. Máquina de escrever com três anos de uso por um carrinho de pipoca em bom estado. Tratar na Jacinto Gomes, 540, até o final de junho.

VENDO: Pacote de trabalhos já corrigidos de diversas disciplinas do curso de Comunicação (para alunos que ainda têm muito pela frente). No pacote, o famoso

"Venenos e Peçonhas". OBS: Os trabalhos são sempre os mesmos, não se preocupe. Tratar na Redação.

PERDIDOS. Em algum lugar da Fabico dois livros: um sobre teoria e técnica de comunicação comparada e outro sobre a evolução do Capitalismo desde a era Paleolítica. Quem encontrou, favor não devolver.

VENDO. Livro de Humberto Eco sobre a semiologia para os novos alunos da Fabico. (Aliás, os únicos que comprariam)

VENDE-SE. Laboratório de fotografia que pode servir de cozinha. Brinde: um conjunto de cubas que podem servir de painéis.

TROCA-SE. Monitor de TV colorido (mas não muito), um tanto lerdo e barbudo. Tratar com a família Ferreira.

ALUGA-SE. Estúdio de TV. Equipamento precário, mas em perfeitas condições de uso. Se a equipe for boa, produzirá grandes programas e a concorrência com a RBS

será grande. Interessados tratar na Jacinto Gomes, 540.

NÃO PERCA. Oportunidade única de adquirir seu diploma, novo, sem manchas ou amassões. Corra antes que ele seja extinto.

VENDO: dicionário de Portunhol, elemento que será muito valioso na redação do 3x4.

DOU: Conselhos, Técnicas de permanência em aula, consolo, para todos aqueles que estiverem cursando as

cadeiras teóricas do início do curso, devido à experiência e calejamento adquiridos em cinco anos de FABICO.

TORRO: Um magnífico exemplar de Introdução à Economia, de José Paschoal Rosseti (só se eu me der bem na "sabatina" de quarta-feira).

VENDE-SE: Elevador, marca Atlas, em bom estado, só dá uns probleminhas, de vez em quando, nada de mais grave. Não aceitamos devolução do produto, nem de presente.

A Granja Solidária mantida pelo Estado em Canoas sustenta 25 famílias. O prefeito acha que a área está mal-aproveitada e quer construir no local habitação para 3 mil famílias



Prefeito quer casas no lugar da granja

Granja em Canoas atrai desempregados para a agricultura

Mônica Izaguirre

Trocar a cansativa e quase sempre frustrante busca por uma vaga no mercado de trabalho pela agricultura é uma opção para os desempregados de uma cidade com um dos mais altos índices de desemprego do Estado (cerca de 30 mil pessoas). 25 famílias já tiram seu sustento do plantio de hortigranjeiros na Granja Solidária mantida pela Secretaria Extraordinária para Assuntos da Grande Porto Alegre (Seagpa), no bairro Niterói de Canoas.

O Estado coloca 1/2 hectare de terra à disposição de cada desempregado, que lá passa o dia, na maioria dos casos, com mulher e filhos, recebendo, durante os dois primeiros meses, rancho básico semanal. Fornece máquinas agrícolas, sementes, adubos e também assistência técnica através da EMATER (Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural). As famílias ficam com toda a sua produção, levando ainda infra-estrutura para comercializá-la — caminhões e bancas.

Se alguns estão na Granja só de passagem, enquanto procuram emprego, outros já decidiram trocar definitivamente as fábricas pelo campo. É o caso do ex-operário João Teixeira Gomes, 50 anos, que em um ano de trabalho, ao lado do filho, já atingiu uma renda média mensal de 5 mil cruzados. "Melhor do que qualquer emprego que conseguisse por aí", diz ele. Mas nem todos têm a mesma sorte. Há muitos que não conseguem passar dos dois salários mínimos mensais, como Ênio Lobatto, 60 anos, há dois anos plantando com a esposa.

OCIOSIDADE

Atualmente a Granja está com pelo menos metade de seu espaço ociosa. Ela ocupa um total de 40 hectares, em várzeas a 1 Km do Rio Gravataí, o que comportaria mais de 50 famílias. O projeto da SEAGPA chegou a começar com 46 famílias. "Mas a dificuldade de adaptação ao trabalho no campo fez com que muitas desistissem", explica o administrador da Granja e técnico da EMATER, Cláudio Aguiar. Hoje, das 25 existentes apenas 20 "são estáveis".

De qualquer forma, o projeto cumpre com um de

seus principais objetivos: a seleção para assentamento nos Módulos Agrícolas Auto-sustentáveis, na Fazenda do IPE, em Guaíba. São 90 hectares destinados a receber 40 famílias, que ganhariam dois hectares cada uma. Diferente do projeto hora em execução, neste seriam dadas condições para o plantio apenas nos primeiros meses — isso além de moradia no local e galpões para armazenagem da produção.

MAL-APROVEITADA

Por outro lado, para o prefeito de Canoas, Carlos Giacomazzi, os 40 hectares da Granja poderiam estar sendo bem melhor aproveitados. Ele reivindica junto ao governador Jair Soares a doação da área para a Prefeitura, a fim de implantar ali um projeto municipal de habitação para populações de baixíssima renda, em especial as que ocupam áreas invadidas insalubres. "Assim, em vez de 25, poderíamos beneficiar 3.000 famílias", prevê o prefeito. Canoas tem mais de 10 mil famílias em áreas clandestinas morando em sub-habitações.

Giacomazzi tem um motivo especial para querer justamente os 40 hectares da Granja para seu projeto. É que no mesmo bairro, Niterói, existem outros 20 hectares, do Município, destinados à instalação de pelo menos 40 microindústrias, que serviriam como fonte próxima de emprego. Para tanto, o prefeito propõe ao Estado a transferência da Granja para outro local.

O Governo, no entanto, até agora parece não estar muito disposto a ceder a área. O secretário Extraordinário para Assuntos da Grande Porto Alegre, Arthur Zanella, contrapropôs o desenvolvimento conjunto, Estado e Município, do projeto "João-de-barro" no local, já em implantação em outras cidades da Região Metropolitana. Este, porém, não se encaixa nas intenções de Giacomazzi, devido ao preço da prestação dos imóveis: Cz\$ 80 mensais. "O tipo de população que pretendemos atingir com o projeto municipal de habitação é aquele que sequer tem condições de pagar essa quantia", explica o prefeito de Canoas.

Mônica Izaguirre

Pacote cria impasse no setor primário

O pacote econômico do dia 23 de fevereiro deste ano trouxe muitas modificações para a vida dos brasileiros. Mas, certamente, as mais radicais foram as que atingiram os setores primários da produção. O Rio Grande do Sul, por depender basicamente destes setores, está vivendo neste momento grandes impasses como o "caso do leite". Afinal como se comportará o já desgastado "celeiro do Brasil" ante as mudanças radicais que novimentam a economia? As previsões são difíceis, para não dizer quase impossíveis, a única coisa que se pode fazer é especular sobre as principais transformações ocorridas nestes setores primários.

José Hoffmann, técnico da Fundação de Economia e Estatística, órgão de apoio à Secretaria de Planejamento do Estado, afirma que a principal mudança ocorrida com o pacote é a aplicação dos subsídios fornecidos pelo governo na agricultura. "Antes os produtores utilizavam estes recursos em aplicações do mercado financeiro. Um exemplo claro disso é a grande corrida pela compra de máquinas agrícolas".

Quanto à questão dos preços mínimos, Hoffmann explica que "os produtores não foram prejudicados, pois quando houve o congelamento, os preços dos insumos, principalmente o adubo, estavam em baixa". Assim houve um achatamento dos custos, e a tendência de aumento por causa da seca acabou não vindo.

INEFICIÊNCIA

Para José Hoffmann, o maior problema da produção gaúcha é a ineficiência dos agricultores e pecuaristas. "No caso do arroz, a grande maioria das terras são arrendadas, e o produtor colhe sempre menos do que poderia colher. Quer dizer, além do colono pobre pagar para usar aquelas terras, ainda sustenta o proprietário que não dá nada em troca desses benefícios".

Ainda segundo Hoffmann, há uma expectativa de aumento na produção em 30 por cento com relação ao ano passado. "Se atribuí ao pacote um aspecto milagroso, quando, na verdade, o que houve foi um aumento nas verbas destinadas ao setor primário. Este ano serão empregados 20 bilhões de cruzados para investimento no setor de produção, com acréscimo real de 10 por cento em relação ao ano passado".

CASOS ESPECÍFICOS

Contudo para se ter um panorama geral do setor durante todo este ano é necessário analisar cada caso em separado.

Sabe-se, por exemplo, que as principais lavouras da safra de verão no estado — arroz irrigado, feijão, milho e soja — sofrerão uma reversão no quadro de perdas. Há expectativa de recuperação de cerca de 750 mil toneladas de grãos, com relação às estimativas feitas anteriormente, por causa da estiagem. Ainda assim, essa recuperação é parcial, pois um dos efeitos da seca foi o atraso do plantio. Isso quer dizer que o clima daqui para a frente, mesmo durante a colheita, influenciará no quadro de perdas destas lavouras.

Quanto aos preços, existem também questões polêmicas: segundo a indústria, o arroz foi congelado em um patamar incompatível com a prática do preço mínimo ao nível de produtor; a aplicação da tabela de conversão pela indústria sobre as compras futuras de soja, se concretizada, remunerará o produtor em níveis inferiores ao preço mínimo; a fixação do preço do boi vivo em índices inferiores aos outros estados e o deflacionamento excessivo praticado pelos frigoríficos têm provocado o descontentamento dos criadores; a desconsideração, por parte do governo, com relação ao novo preço do leite que seria fixado no dia 1º de março tornou a atividade leiteira insustentável.

O LEITE

Alguns destes problemas já "explodiram" e foram solucionados provisoriamente, como 'e o caso do leite. Segundo José Hoffmann, a criação de um subsídio para o leite era a única saída para o impasse, já que não se poderia tirar mais impostos do produto, pois a parcela paga ao governo já é ínfima. "O que ocorre é que, infelizmente, este subsídio vai abrir mais um rombo no déficit público".

Na prática, isto quer dizer aumento de impostos pagos pela população para solucionar um problema de abastecimento. Esta, aliás, é uma dúvida que persiste nos setores da economia brasileira. Como o governo vai orientar a política de formação e administração de estoques? Espera-se que não da forma como vinha orientando até agora, com os benefícios desta prática voltados

Mônica Izaguirre



Reforma revela fragilidade da produção

mais para a manutenção dos preços a nível de produtor do que para impedir aumentos especulativos no consumo.

PRÓXIMAS SAFRAS

Na opinião do economista, para as próximas safras, tudo vai depender de como o governo vai orientar as questões de política agrícola, variando o valor básico de custeio (VBC) para pequenos, grandes e médios produtores.

Dentro deste quadro, cheio de dúvidas e incertezas, o que já foi feito de positivo é o tabelamento dos preços dos insumos. Isto é, máquinas, implementos agrícolas e fertilizantes, decretado no dia 2 deste mês pelo ministro Dilson Funaro. A medida veio atender os produtores numa época de grande demanda, quando os agricultores estão preparando a terra para o plantio da próxima safra.

Jaqueline Chala



Ana Luiza Freitas

Correio do Povo de oito páginas assegura o ífuto para EJCJ

Empresário garante volta do Correio do Povo

O empresário Renato Ribeiro pagou as dívidas da Caldas Júnior e investe para trazer de volta o mais tradicional jornal do Rio Grande do Sul.

De forma surpreendente, um único empresário gaúcho decidiu bancar sozinho um jogo de que muitos colegas seus fugiram durante os últimos dois anos: Renato Bastos Ribeiro, industrial e agropecuarista, principal dirigente do grupo Incobrasa (que opera com indústrias de soja), plantador de arroz e criador de gado no Rio Grande do Sul e dono de uma fazenda em Illinois, Estados Unidos, comprou o controle acionário da Empresa Jornalística Caldas Júnior de Breno Caldas, em acordo fechado na madrugada do dia 4 de maio último.

O novo proprietário é categórico ao afirmar que não tem ninguém com ele ou por trás dele nesse negócio, explicando que seu grupo vinha estudando a diversificação de atividades, em face da nova situação econômica do País, e achou interessante o setor de comunicações, neste momento em que o Brasil retorna uma tendência de crescimento.

Um outro conhecido empresário gaúcho, também do ramo da soja e amigo de Renato Ribeiro, confidenciou, porém, ao TRÊS x QUATRO que há pelo menos mais uma razão para justificar a compra: é o descontentamento de vários setores da sociedade gaúcha, principalmente da área empresarial, com o que ele classifica de "verdadeiro monopólio de jornalismo" que se estabeleceu em Porto Alegre a partir da

transação "por uma questão de ética", mas deixa claro que Breno Caldas manteve uma participação na Empresa. Seu filho Francisco Antônio Caldas continua dando expediente diário no prédio da Caldas Júnior, embora não seja de conhecimento público o cargo que exerce.

O primeiro passo do novo dono foi levantar a falência da Caldas Júnior, depositando em juízo os cerca de 23 milhões de cruzados que propiciaram a quitação do passivo trabalhista. Iniciou em seguida uma reestruturação administrativa e tratou do saneamento financeiro de todos os veículos do grupo. Dinheiro, visivelmente, não está faltando mais à EJCJ. Enquanto a TV Guaíba pôde saldar crônicas dívidas com a Embratel, TV Record, Radiobrás e ou-

te foi usado em relação à Folha da Tarde, que circulou no dia 11 de junho, com edição de 16 páginas.

A circulação definitiva do Correio — que deverá abranger todos os dias da semana — não tem prazo fixado. Renato Ribeiro garante apenas que ocorrerá ainda em 1986. O responsável pela edição de 1.º de junho, jornalista Wilson Zin, pensa que ela será possível "dentro de uns dois meses".

Essa possibilidade reabre uma boa perspectiva para o mercado de trabalho na imprensa gaúcha, a curto prazo, pois a intenção inicial é no sentido de aproveitar somente pessoal do Rio Grande do Sul. Não há a pretensão de trazer gente de fora, a não ser alguns gaúchos que tenham saído do Estado por falta de oportunidade.

Do seu antigo contingente, a equipe que vai reeditar o Correio do Povo provavelmente abrigará apenas jornalistas que não tiveram maiores atritos com a linha de Breno Caldas. Isso pode ser deduzido após a tentativa de unificação do projeto de retorno do Correio com o de criação do Diário do Sul. As tratativas de Renato Ribeiro com o grupo liderado por Hélio Gama estiveram praticamente concluídas durante o feriado 24, 25 e 26 de maio. Neste dia, os cerca de 50 profissionais que compunham o grupo do futuro Diário foram convidados até a escolherem suas mesas na redação do Correio. Mas no dia seguinte os nomes da metade deles foram vetados, presumivelmente por sua atuação anterior na própria Caldas Júnior, especialmente no episódio da greve.

Essa tendência parece clara, também, com relação aos outros veículos, a se julgar pelas demissões de Lasier Martins e Sérgio Jockvmann.

Cezar Augusto Gazzaneo

Ribeiro assume e demite Lasier

Depois de 24 anos e meio de rádio Guaíba, Lasier Martins, num intervalo de uma semana, foi demitido pela emissora e contratado pela RBS, que o embarcou em seguida para o México ainda surpreso e abalado com a demissão, que classificou como "o maior impacto da minha vida".

A demissão de Lasier da rádio está diretamente ligada à compra do grupo Caldas Júnior (além da rádio, a TV Guaíba e os jornais Correio do Povo e Folha da Tarde) pelo empresário Renato Ribeiro na madrugada do dia 4 de maio, um domingo. No mesmo dia à tarde, cobrindo um jogo no Beira-Rio, o jornalista foi informado da notícia pelo advogado Demóstenes Pinto, administrador judicial da rádio desde que os funcionários conseguiram o usufruto da emissora.

Na segunda-feira, conta Lasier que, já com os novos donos, começou a sentir um ambiente difícil. Reuniões eram feitas e nunca sua presença era solicitada. Estranho, já que além de maior "estrela" da casa ele era o Diretor Operacional da emissora. Na quinta, dia 8 de maio, a Câmara Municipal de Porto Alegre prestava uma homenagem aos 29 anos da Rádio Guaíba e Lasier ouviu de Carlos Alberto Ribeiro, irmão de Renato Ribeiro, a "sugestão" de que não fosse à sessão. Lasier, então, ponderou que o convite viera em nome de todos os vereadores e que gostaria de participar da homenagem. Foi realmente o que fez. À noite, era demitido. No rastro de sua saída também foram postos para fora da empresa seu irmão, o radialista Lupi Martins, e sua filha Marla, estudante de Jornalismo na UFRGS e que trabalha como produtora na TV Guaíba.

Marx. Não que eu seja marxista mas, se um homem é seu trabalho, a minha vida é a rádio Guaíba" observa Lasier, lembrando os mais de 24 anos na rádio, com sua luta e sua garra, principalmente nos difíceis últimos anos em que o objetivo maior era manter a Guaíba viva em meio a uma forte crise.

Por que realmente a demissão? Lasier diz que não sabe ao certo e parece tão sincero que é difícil não acreditar. Porém, levanta possíveis motivos para a saída. Um deles seria por vingança de Breno Caldas. Como se sabe, Lasier, no auge da crise da empresa, virou líder, entre seus colegas, de diversas reivindicações, que culminaram com a entrega da rádio ao usufruto dos funcionários, através de decisão judicial. Tudo isso seria motivo para uma vingança de Breno, que teria exigido de Renato Ribeiro a demissão do jornalista. Entretanto, o próprio Lasier não acredita nesta hipótese.

Como possível segundo motivo, ele lembra o seu posicionamento independente que o levou, diversas vezes, a áspersas discussões com Breno Caldas, nos tempos de crise da emissora. Segundo ele, discussões apenas profissionais: "O Correio já tinha lechado, a rádio e a TV afundando e o Dr. Breno permanecia inerte, achando que eu estava indo longe demais".

circulação de um único jornal diário (afora os especializados). Segundo a mesma fonte, o que fez com que Ribeiro se decidisse repentinamente pela compra da Caldas Júnior foi a forma como Zero Hora conduziu, recentemente, noticiário sobre supostas fraudes envolvendo empresas gaúchas, "sem dar aos envolvidos o necessário espaço para defesa".

BRENO CONTINUA SÓCIO

Renato Ribeiro não revela o valor da

transação, a Rádio Guaíba-AM se deu ao luxo de abrir mão do valor da metade de um canal comprado em sociedade com a Rádio Clube do Paraná e adquiriu outro, exclusivo, para transmitir a Copa do Mundo do México com equipe própria, mantendo uma tradição que vinha desde 1958, da Copa da Suécia.

PESSOAL GAÚCHO

Quando ao Correio do Povo, Renato Ribeiro agiu rápido e já no dia 1.º de junho colocou na rua uma edição de oito páginas (o n.º 1 do ano 91), distribuída gratuitamente na sede do jornal e enviada pelo correio aos assinantes, com o fim de garantir o título da publicação. Evitou, com isso, que se completassem dois anos sem circular (o que ocorreria a 17 de junho), prazo em que caduca o registro de propriedade do título de jornais. O mesmo expedien-

"Última Cena" em Porto Alegre, um jornal dedicado ao cinema

Após meio ano de "gestação" surgiu este mês, em Porto Alegre, o "Última Cena", jornal especializado em cinema, lançado pela Editora Última Cena — Empreendimentos, Produções e Promoções Ltda., que, por sua vez, inicia suas atividades com esse projeto. A jornalista Cyrene Dallegre e os publicitários Cristina Ferraz, Eduardo Friedrich e Rui Renato Faillace são os responsáveis pelo jornal que, em sua primeira edição, teve uma tiragem de 6.000 exemplares, todos com distribuição gratuita.

Eduardo Friedrich, responsável pela arte e fotografia juntamente com Rui Renato, afirma que entre os objetivos do novo jornal está o de incentivar as pessoas a irem ao cinema, além de promover a produção cinematográfica gaúcha, preenchendo um espaço que, segundo ele, está vazio em Porto Alegre. "O Última Cena não é um jornal intelectualóide. É para a assistente comum de cinema, não é para os críticos, nem é revolucionário" define Eduardo. A repórter Cristina Ferraz lembra que nenhum deles sabia como fazer um jornal: "A gente não sabia absolutamente nada da parte técnica. Só tínhamos boa vontade". Assim, o planejamento gráfico foi dado a Eduardo Tessier e Poti Campos e a composição à Proletra, com impressão no Jornal do Comércio.

ESQUEMA PROFISSIONAL

O primeiro número do Última Cena traz, além dos filmes com lançamento no mês de junho e reportagens do próprio grupo que edita o jornal, matérias de alguns colaboradores: Júlio Mariani faz uma análise da Embrafilme, a história do Festival de Cannes é contada por Romeu Grimaldi, enquanto a crítica é de Luiz Cesar Cozzati sobre o filme "A Honra do Poderoso Prizzi", de John Huston. Todos pagos, segundo Cristina, para "não haver esmolos" e "porque são profissionais e o nosso esquema de trabalho é profissional". "Não queremos que o Última Cena seja um jornal alternativo, mas uma alternativa de jornal" justifica, ainda, Eduardo Friedrich. Ele garante que a publicidade nunca ultrapassará a média de 30%, mesmo que, para isso, alguns anúncios sejam rejeitados.

Para a próxima edição, Cristina Ferraz diz que é objetivo da editora distribuir o jornal em cursos pré-vestibulares, agências de propaganda e faculdades. Porém, sempre com prioridade, como foi no primeiro número, para a distribuição nas portas dos cinemas. Distribuição essa que eles mesmos fizeram, para que as pessoas pudessem conhecer quem faz o jornal e por uma questão de "orgulho pessoal".

Elton Berbigier

HOMEM É TRABALHO

"Um homem é seu trabalho diz Karl

Elton Berbigier e Cezar Augusto Gazzaneo

Maior espaço para a cultura dentro da Universidade

A Pró-Reitoria de Extensão, no primeiro semestre de 86, ofereceu uma série de atividades e cursos, dentro da sua proposta de gerar, incentivar e estruturar a cultura dentro da Universidade. Os projetos atingiram diversas áreas: cinema, linguística, música para crianças, artes cênicas e informática.

Flávio Loureiro Chaves, Pró-reitor de Extensão, enumerou estas atividades e destacou o papel fundamental da ProRext, dentro da estrutura da Universidade, como elo entre a comunidade e a cultura.

Projetos tem continuidade

O projeto 86 foi um pacote com 14 cursos não convencionais para áreas não atendidas em cursos formais de graduação. Este projeto, ressalta o Pró-Reitor, é promovido junto com a Escoda Técnica de Comércio e se estenderá pelo segundo semestre.

Outro segmento da ProRext é o projeto Prelúdio, uma iniciação musical para crianças que já se desenvolve há 6 anos e que conta com mais de 200 crianças aprendendo a tocar um instrumento musical.

Existe uma atividade que chama a atenção pelo seu caráter geográfico e cultural: Curta no Campus. Segundo Flávio Loureiro, a Pró-Rext tem que atuar em todas as áreas, descentralizando-se, pois não existe lógica em deslocar os estudantes para o campus se os eventos culturais permanecem no centro. Este projeto busca localizar a Extensão em todos os campi da Universidade e ocorreu em outras etapas abrangendo o Cinema Brasileiro dos anos 60 e 70 e os Escritores e seus Tradutores (Intelectuais falando sobre cultura contemporânea).

Rádio ganha apoio.

"A história da música na Rádio da Universidade" é um curso de extensão em 24 audições. Será realizado de 17 de junho a 21 de agosto e busca a dinamização da antiga rádio. Este curso, que irá ao ar duas vezes por semana, ampliará, de acordo com o Pró-Reitor, o público da Universidade sem interferir nas características da rádio. Esta experiência será transformada em duas fitas que posteriormente serão mostradas em videocassete a escolas de segundo grau, atendendo a constantes solicitações que chegam à Pro-Rext. Nos semestres posteriores o projeto continua com audições sobre cinema e rádio.

A Pró-Rext tem outros inúmeros trabalhos que para Chaves "são feitos para o aluno, que é o grande divulgador dos projetos e criador do hábito de ser um público ativo. A nossa missão é a formação deste público". Seguindo esta colocação o Pró-Reitor completa: "o aluno contribui enquanto público, se o projeto não é bom, ele cai por si, sendo este um forte indicador".

Indicador é a existência de um diálogo entre os alunos e os

de recursos externos, segundo a observação do Pró-Reitor. O resultado são cartazes sempre muito disputados e folhetos que primam pela qualidade gráfica.

Kátia Rocha



Sentadas no chão, as crianças ouvem os contos com interesse

*Estagiários de biblioteconomia
lêem contos e fazem jogos
com os meninos das creches e vilas*

Carro biblioteca atende vilas e escolas carentes de Viamão

Como acontece três vezes por semana, o carro biblioteca partiu mais uma vez da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS, às 13 horas do dia 23 de maio, com destino a Itapoã. Conduzida pelo veterano motorista Sadi Nichele, levou a bordo a bibliotecária e coordenadora Lourdes Zehlaoui, os estagiários de biblioteconomia Moema Paraguassu, Fernando Stobbe e Maria da Graça Silva.

Com o objetivo de praticar um trabalho de extensão, o carro biblioteca é o resultado de um convênio assinado em 1973 entre o MEC, através do Instituto Nacional do Livro, e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Nessa ocasião, o INL doou um acervo bibliográfico e uma kombi equipada para esse objetivo. Desde então, é obrigação da universidade manter o carro, o motorista, e fornecer o combustível. O INL entra com os livros e uma verba anual variável para manter alunos bolsistas trabalhando no carro. Para este ela é equivalente a 500 cruzados para cada aluno, durante dez meses, e os bolsistas são contratados através da PRUNI.

Vinculado ao Departamento de Biblioteconomia e Documentação da FABICO, o carro biblioteca atende hoje escolas carentes de primeiro grau e creches em vilas periféricas de Viamão.

A escola a ser visitada desta vez, é a unidocente Francisco Nery de Abreu, no local denominado Rincão de São Brás, em Itapoã.

Velha Kombi

Apesar de velha, a Kombi resistiu bravamente, graças à ação do motorista Sadi. Segundo a equipe, "ele nunca nos deixou na mão" e conhece cada buraco, pedra ou atoleiro da estrada. A paisagem, recortada pela estrada, parece desdenhar um dos mitos do século. De fato, a obsessão da idéia de "progresso" está presente logo adiante através da televisão, que leva ao interior dos lares rurais não a

idéia de desenvolvimento, mas o irreal deslumbramento das novelas.

As 14 horas a kombi estacionou em frente à escola. Com sua chegada as crianças ficam alvoroçadas dentro da sala de aula e se apressam em terminar o que estão fazendo. É a terceira vez que o carro vem a esta escola e a professora Maria José comunicou à coordenadora Lourdes que os 30 livros trazidos já foram quase todos lidos, tanto pelos alunos, como por seus pais e outros adultos e crianças da comunidade. "A criança que está hoje na escola é a criança que vai trabalhar no campo, e a nossa preocupação é de que eles permaneçam no campo e não emigrem para a cidade", afirma Maria José.

Os livros, na maioria infantjuvenis e didáticos, são deixados com a professora em uma caixa-estante, e renovados de seis em seis meses. Nem sempre foi assim. Há um ano a Kombi estacionava em um local de referência, abria suas portas equipadas com estantes, e fazia o empréstimo dos livros para o público em geral. Isto foi mudado porque a Kombi, segundo Lourdes, já não comporta um carregamento de livros, e porque eles já não eram devolvidos, em razão das migrações nas cidades. Hoje, além do empréstimo dos livros nas escolas, a equipe também faz empréstimos domiciliares, com visitas às casas das pessoas. Esse meio foi utilizado a partir da constatação de que elas sentiam-se inibidas em pedir livros espontaneamente. O material é trazido conforme a realidade cultural da comunidade, que aos poucos vai manifestando as suas preferências.

Filmes são atração

As crianças, com idade entre seis e 12 anos, cursando da primeira à quarta série, são entregues, todos numa mesma classe, aos cuidados dos estagiários do carro biblioteca. São formados dois grupos: um de jogos, coordenado por Fernando, e outro de con-

tos, lidos para as crianças por Moema. Tanto um grupo como o outro, parece se divertir muito. Virgínia da Silva, de dez anos, que frequenta a 2ª série, e já está alfabetizada, gosta dos filmes projetados pelos estagiários. Mas o que ela realmente prefere, é levar os livros para casa. Assim, ela os lê para a irmã e para a mãe, que gostam de escutar.

A professora Maria José conta que a vinda do carro biblioteca ajudou as crianças a desenvolver a criatividade. "Elas já conseguem elaborar melhor as frases e até criar estorinhas sobre gravuras apresentadas, coisa que antes não conseguiam". Outro detalhe, é que as crianças, antes habituadas a ver somente televisão, agora comentam entre si o que leram nos livros. Cada uma delas tem o direito de levar um livro de cada vez, que chegam a ler durante a noite para entregar no dia seguinte e poder, então, levar outro.

Lazer muda imagem

Para que sua escola fosse também visitada pelo carro biblioteca, Maria José solicitou a um outro professor de escola rural de Viamão, que fizesse contato entre ela e Lourdes. As crianças então foram consultadas e manifestaram interesse nessas atividades. Para Lourdes Zehlaoui "a recreação, a projeção de slides e a hora do conto associam o hábito de ler a uma coisa agradável, e com isso muda a imagem tradicional da biblioteca".

Cerca de cinco horas da tarde, a equipe do carro biblioteca despediu-se dos integrantes da escola e rumou para o Rincão da Macega. Lá foram homenageados com um jantar campestre oferecido por uma família visitada pelo carro. Na chegada da Kombi, a pergunta do chefe da família: "trouxeram revistas?"

Maria Beatriz Andrade

HISTÓRIA DA MÚSICA
na Rádio da Universidade



Música
pela
rádio
forma
novo
público

Um curso de extensão
em 24 audições

Sistema Videotexto implantado no Estado

Com um banco de dados instalado em São Paulo pela Telecomunicações de São Paulo — TELESP — o Sistema videotexto busca, através de imagens literais e gráficas, dar o mais variado tipo de informações, como notícias, acontecimentos esportivos, programas de cinema, cotações das bolsas de valores, entre outros.

Este sistema foi implantado no Rio Grande do Sul, em fase experimental, em junho do ano passado, pela CRT — Companhia Riograndense de Telecomunicações — que funciona como uma concessionária da Telesp. As locações dos terminais de vídeo são feitas pela companhia gaúcha, que cobra dos clientes o valor da assinatura do equipamento e o aluguel mensal, repassando os valores das ligações, que são feitas através das linhas telefônicas, para a companhia paulista.

Atualmente, com as tarifas subsidiadas, o custo de utilização do aparelho fica em torno de Cz\$ 88,62 por mês, para terminais residenciais e de Cz\$ 170,29, para terminais comerciais ou institucionais, como são chamados. Fora estas tarifas, é cobrado, por minuto de ligação, Cz\$ 0,31, em ambos os casos.

Na atual fase de implantação do sistema, chamada fase piloto, já foram instalados, no estado, cerca de 170 terminais, sendo que alguns usuários já rescindiram o contrato enquanto outros estão na fila de espera. A Telesp liberou para o estado apenas 300 terminais, em sua maioria do tipo comercial.

DIVULGAÇÃO

Para divulgação do sistema, a CRT instalou alguns terminais pela cidade de Porto Alegre. Ela escolheu pontos-chaves para que o público em geral conhecesse o sistema sem custos para o usuário. A agência matriz da Caixa Econômica Estadual, o Shopping Center Iguatemi, o prédio de Engenharia Eletrônica da PUC, são alguns dos locais onde foram instalados os terminais.

Segundo Glaci Moraes Machado, Chefe de Seção de Atendimento ao Usuário da CRT, os "Olhões" foram colocados em pontos-chaves para que o público tivesse oportunidade de conhecer e utilizar o videotexto. "Os Olhões são vídeos públicos cujos custos ficam ao encargo da CRT, as empresas estão apenas emprestando o estabelecimento", diz Glaci.

Quanto ao cancelamento de certos contratos, Glaci considera que estes se dão por dois motivos: perda de interesse pelo serviço ou porque o usuário não tem objetivos para utilização do videotexto.

Ela salienta que a CRT não tem interesse em fazer maior divulgação deste serviço porque a Telesp liberou, para o nosso es-

tado, apenas 300 terminais e este número só aumentará caso sejam liberados mais terminais, ou caso venha a ser criado um banco de dados aqui no Rio Grande do Sul. "Esta hipótese já está em estudo para sabermos se é viável a criação de um banco de dados gaúcho, mas não será para breve, já que envolve custos muito elevados", salienta Glaci.

DESVANTAGENS

Para a professora da Faculdade de Comunicação da UFRGS, Martha D'Azevedo, editora de videotexto pela Escola de Comunicações e Artes da USP, as desvantagens do videotexto são grandes.

Ela comenta que o sistema implantado no Brasil é de tecnologia francesa, já obsoleta. Durante a utilização do terminal de videotexto o telefone fica bloqueado e, principalmente, durante a fase piloto a ligação é subsidiada. "Em São Paulo o resultado não foi o esperado. O cancelamento dos contratos ocorreu em grande número. Isto também vai ocorrer aqui no estado no momento em que o serviço não for mais subsidiado, já que as tarifas serão cobradas como chamadas telefônica, continua Martha, "as ligações são feitas com a Telesp, por isso serão cobrados valores equivalentes a ligações para São Paulo".

Para Carlos Forchesatto, estudante do 6º semestre de Engenharia Eletrônica da PUC, o videotexto é interessante mas, muitas informações, como de lazer, são de São Paulo e não de Porto Alegre. "Utilizo bastante os terminais de videotexto da Caixa Econômica e o instalado na Faculdade, pena que as informações de restaurantes, tempo e outras não são daqui e sim de São Paulo", comenta Carlos.

VANTAGENS

Paulo Gil, estruturador de videotexto da CRT, pensa que as vantagens do sistema são muitas. Ele citou o exemplo da RBS, que locou um espaço no banco de dados da Telesp e colocou terminais de videotexto em 15 agências de propaganda, para que, através de um sistema fechado ela possa se comunicar com os seus clientes.

A professora Martha D'Azevedo relatou o exemplo dos plantadores de uva da França que se utilizaram do sistema de comunicação de videotexto. "Através de um circuito fechado os produtores de uva, na França, tinham a possibilidade de controlar os preços do produto", diz ela, "nestes casos considero viável o sistema de videotexto".

Martha considera que o novo sistema de comunicação também é um grande achado como passatempo: "o videotexto serve muito bem como entretenimento, principalmente para os idosos", diz ela.

Karla Maria Muller

Ana Luiza Freitas



Vídeo World não teme concorrência

Mercado cresce e o vídeo exige novas soluções

O grande crescimento do número de locadoras para videocassete é uma realidade em Porto Alegre, e as empresas, sabendo disto, procuram manter-se bem estruturadas. Há casos como o da Maviola Vídeo Arte, que busca especificar seu campo de ação e ter uma clientela definida, e outros, como o da Vídeo World, que, tendo o maior e mais variado acervo de Porto Alegre, acredita na sua estrutura e não pretende mudar de estilo.

Benamy Sniadower, sócio-gerente da Vídeo World, acredita que a tendência do mercado é de ocorrer uma especialização maior das locadoras. Porém, ele nem cogita esta possibilidade para a sua empresa. "Mesmo que ocorra uma saturação mercadológica, nós temos 2.300 sócios e uma estrutura muito firme".

Distribuidoras como a Universal e a Paramount passaram, de um ano para cá, a selar as fitas que reproduzem seus filmes, a fim de terminar com a pirataria. Segundo Benamy, isto não significa uma dificuldade imediata para as locadoras, pois ainda está para ser aprovado o projeto de lei que pune a locação de fitas piratas. "Há mais ou menos seis meses que o projeto está para ser aprovado, mas, quando isto acontecer, o mercado ficará restrito a poucos filmes, visto que a fita selada é muito cara, pois, no seu preço, estão incluídos direitos autorais e tributos. Quando isto ocorrer, muitas locadoras serão obrigadas a fechar".

O mercado para locação de fitas continua em ascensão, pois está aumentando também o número de pessoas que têm videocassete. No entanto, o

sócio-gerente da Vídeo World vê, na especialização das locadoras, um perigo, pois "há filmes, como os culturais, que dificilmente são selados".

LOCADORA ALTERNATIVA

A Maviola Vídeo Arte, que abriu há dois meses, é uma locadora alternativa, pois, além de trabalhar com filmes selecionados para um público mais específico, vende "posters" e críticas de filmes, livros sobre cinema e trilhas sonoras, e dá um tratamento individualizado para cada cliente. A gerente Elizabeth Serra acredita que, "com um trabalho original, nós saímos de comum e conseguimos clientes mais requintados e fiéis".

Para Elizabeth, a Maviola Vídeo Arte consegue um público bem definido porque, além de ter um padrão selecionado de fitas — ela trabalha mais com filmes culturais — dá um atendimento diferenciado para cada cliente. "Nós não temos prazos definidos, comentamos os filmes com quem quer alugá-los, deixamos que vejam trechos e aceitamos críticas escritas para guardarmos dentro das caixinhas das fitas".

A procura de fitas na Maviola Vídeo Arte tem sido grande, e a clientela está aumentando, principalmente entre profissionais liberais. Elizabeth considera esse sucesso uma consequência de um trabalho de nível — ela enfatiza que não trabalha com pornôns —, original e especializado. "Sair do comum é importante, e Porto Alegre é uma cidade que possibilita esse tipo de empreendimento, porque aqui tem poucos eventos culturais e uma fita de nível no videocassete é uma boa opção".

Léo Gerchmann

Comissão estuda reforma da Língua Portuguesa

Se for aprovado pelos congressos nacionais e pelos presidentes de Portugal, Brasil, Angola, Cabo Verde, Moçambique, São Tomé e Príncipe, países que participaram do Encontro de Unificação da Língua Portuguesa, ocorrido em maio no Rio de Janeiro, o português falado por 170 milhões de pessoas em todo o mundo deverá passar por uma nova reforma ortográfica até 1988.

Segundo os filólogos que participaram deste encontro, entre eles, o brasileiro, Antônio Hovais, a reforma ortográfica terá por objetivo simplificar e unificar a Língua Portuguesa dos seis países. Não é apenas o sotaque que distingue um brasileiro de um português. Há variações na ortografia. Em Portugal, por exemplo, as letras C e P ainda são empregadas como em "facto" e "adopção". Esta será uma das regras da reformulação do português: a eliminação do C e do P de consoantes duplas e mudas.

Os acentos agudos e circunflexos, adotados pela gramática portuguesa no Brasil, também sofrerão alterações. As palavras proparoxítonas — com acentuação na antepenúltima sílaba — não serão mais acentuadas. Como no caso de "átomo" e "pâni-

co". A mesma regra servirá para as paroxítonas — palavras acentuadas na penúltima sílaba —, como "bônus". O acento continuará para as oxítonas terminadas em A, E e O, no singular, ou com S no plural. Como em vó, bebê, jiló, vocês, atrás. As oxítonas terminadas em "em" perderão o acento: "refém", "ninguém".

HÍFEN

Um das grandes dificuldades encontradas para quem escreve português é quanto ao hífen. O seu correto emprego requer um conhecimento prévio de regras bem determinadas. A reforma ortográfica quer simplificar o seu uso. Palavras como "pé-demeleque" e "guarda-chuva" não serão mais escritas com o tradicional tracinho. Há exceções, pois o hífen permanecerá diante dos prefixos pré, pró, além, recém, vice, vizo e sem. No caso de palavras compostas, como "austro-húngaro", permanece o hífen.

Os nomes de origem estrangeira, em que se empregam as letras K, Y e W não serão alterados. Vai-se continuar a escrever "Tchaikovsky", por exemplo, da mesma maneira.

Dentro da reforma ortográfica, estas deverão ser as alterações

básicas da Língua Portuguesa.

Para os menos esclarecidos, a menção da palavra simplificação sugere uma panacéia para todas as dificuldades encontradas no aprendizado da língua portuguesa. Cláudio Moreno, professor de português na UFRGS e no UNIFICADO, é totalmente contrário a nova reforma ortográfica. "Tentar simplificar é desconhecer os estudos mais modernos da Linguística que demonstram que o aparente capricho das combinações das letras de uma ortografia, na verdade, refletem uma realidade concreta na estrutura fonológica e semântica de uma língua", explica.

Moreno concorda, no entanto, com a reformulação no emprego do hífen, que já deveria ter sido abolido na reforma ortográfica de 1971. Para ele, a decisão dos filólogos participantes do Encontro de Unificação da Língua Portuguesa reflete mais uma exigência dos países africanos "que parecem não entender muito bem o nosso sistema ortográfico".

Totalmente favorável a unificação da Língua Portuguesa nos seis países, Moreno sugere que esta seja feita tendo como base o português empregado no Brasil — que é o mais moderno de todos.

Márcia Regina Gomes



Ana Luiza Freitas

Reforma no Coral criou 2 cinemas

Cinemões cedem espaços para salas menores

Desde abril, o cinema Coral não existe mais. Ele foi dividido em dois cinemas: o Coral 1 e o Coral 2. Até setembro, o Multicine de Canoas construirá três cinemas no Shopping Iguatemi. Assim, neste ano, Porto Alegre ganhará quatro novos cinemas, oferecendo mais opções aos moradores da cidade.

A criação do Coral 2 é um projeto que existe há 15 anos. Seu objetivo é ocupar a parte de cima do antigo cinema, que só lotava com grandes sucessos de bilheteria. Carlos Fernando Louro da Cunha, gerente dos dois cinemas, diz que não existe mais público para uma sala de 963 lugares, como tinha o Coral. Com a divisão, os cinemas lotam com maior facilidade.

Fazer salas pequenas parece ser uma nova tendência, pois, no Shopping Iguatemi, ao invés de ser construído um grande cinema, serão feitos três, todos no lugar do Parque de diversões Playland. Este número se deve ao fato do Exibidor, o Multicine de Canoas, não querer trabalhar com prejuízo, e acreditar que quanto mais opções ele oferecer ao público, mais retorno obterá.

RETORNO GARANTIDO

Para trabalhar no Coral 2 foram contratados dois porteiros, uma bilheteria, duas zeladoras e um operador. Além dos gastos com o pessoal foram investidos 1 milhão e 200 cruzados nas reformas, mas Carlos Fernando afirma que o retorno financeiro é garantido pois o público aumentou. De segunda a sexta, 120 pessoas, em média, frequentam os cinemas. No fim-de-semana, este número aumenta bastante.

Os gastos para construção dos cinemas no Shopping vão ser do exibidor, já que a relação das salas com o Iguatemi vai ser como a de uma loja qualquer: o espaço será locado. "O retorno deste investimento é garantido", afirma Fábio

Trigoite, gerente de propagandas e promoções do Iguatemi. Será feita uma campanha publicitária tanto pelo dono dos cinemas, quanto pelo proprietário do prédio do Shopping, com o objetivo de divulgar a idéia e assegurar o sucesso financeiro do negócio.

ANTIGOS SUCESSOS

O tipo de filmes veiculados é uma preocupação, tanto do dono do Coral 1 e 2, quanto do pessoal do Shopping. O gerente Carlos Fernando diz que para eles esta questão já foi resolvida. O Coral 1 continua apresentando filmes inéditos, enquanto que o 2 terá em sua programação apenas antigos sucessos.

Quando ao Shopping, Fábio Trigoite pensa que os filmes devem ser de alto nível. Ele não quer a exibição de filmes de sexo explícito, por exemplo, como é comum acontecer em um dos Multicines de Canoas.

Para a construção dos cinemas no Iguatemi ainda estão faltando alguns detalhes, como, por exemplo, decidir para onde serão levados os brinquedos do parque de Diversões. A idéia é espalhá-los pelos corredores e mesmo pelas lojas. Embora dê bastante trabalho, Fábio diz que o empreendimento vale a pena, pois foram feitas pesquisas revelando que, tanto o público, quanto os proprietários das lojas têm interesse na construção de cinemas no Shopping.

O gerente do Coral 1 e 2 acha que a criação das salas no Iguatemi dará muito certo, lembrando que existe um cinema no Centro Comercial João Pessoa — o Center — um dos melhores da cidade, inclusive pela localização. Ele ainda sugere que os donos dos cinemas muito grandes de Porto Alegre também os dividam em salas. "Eu só me lembro do mezanino do antigo Coral ter lotado quando passou o "Rambo", concluiu.

Thais Lopes

Do jeito que dá Faz sucesso com Quebra-cabeça

"Cabeça Quebra Cabeça", terceira peça do Grupo "Do Jeito Que Dá", em cartaz no Teatro Renascença, trata com muito bom humor do amadurecimento de uma geração. A encenação, que pretende ser engraçada, atinge plenamente este objetivo, apesar, de às vezes, apelar para o riso fácil.

A sobreposição de cenas com espaço e tempo completamente diferentes é muito bem explorada pelo diretor Júlio César Conte. Isto dá uma dinâmica muito grande ao espetáculo que, nas suas duas horas e 15 minutos, nunca chega a ser monótona. Pelo contrário: as ações são velozes, oferecendo ao público o tempo exato para digerir cena após cena. "Buscamos uma estruturação dramática mais complexa que "Baile na Curva", afirma Júlio Conte.

"Cabeça Quebra Cabeça" conta a história de quatro mulheres através da discussão do amor, do casamento e da separação. Carlota é uma dessas mulheres que, ao descobrir-se grávida, enfrenta o problema da rejeição no seu grupo de teatro. Laura, outra personagem, tenta o suicídio quando descobre que o marido tem um caso com a secretária. Após tomar um vidro inteiro de comprimidos, recebe a ajuda de suas três amigas.

A peça revisa o passado e avalia o presente das personagens. "Aos poucos, alinhavamos os pedaços da explosão do amor e montamos peça por peça de um modelo de armar, um quebra-cabeça", diz Júlio.

Um recurso muito bem usado é o da luz estroboscópica, revelando um clima de tensão vivido pela personagem Laura. O elenco é formado por Ana Maria Trarbach, Fernando Severino, Hermes Mancilha, Márcia do Canto, Marley Danckwardt, Miriam Tesler, Neneça Cavalheiro, Regina Goulart, Walkiria Grehs e Jam. Os trabalhos de cenário, figurino e iluminação contribuem para a espontaneidade do espetáculo.

Outro ponto que cabe destacar é a trilha musical. Com a direção de Nico Nicolaiewsky, são apresentadas músicas como "Porto Alegre 9 de abril" e o "Tango Venéreo", além de outras.

O diretor reconhece que o trabalho é difícil e repleto de revisões até chegar à maturidade. "Quebramos a cabeça para completá-la e, juntando os pedaços, descobrimos alguma coisa que nossos corações, sem saber, já sabiam". "Cabeça Quebra Cabeça" tem um resultado final muito interessante, o que tem garantido o sucesso de público. Quem não chegar cedo do Renascença perde a vez.

Lúcio Flávio Haeser

★ Nos últimos dois meses, Porto Alegre tem convivido com espetáculos de grandes nomes da música internacional. Nomes como Astor Piazzola, Tony Bennett e Chuck Mangione, sem falar de "monstros" brasileiros como Naná Vasconcelos, Tom Jobim e Hermeto Pascoal, tão conhecidos (e reconhecidos) no exterior quanto os primeiros. Para assisti-los, entretanto, é preciso mais do que disposição e boa vontade. A cada dia, esses shows têm seus ingressos aumentados. Para ver Piazzola, ou Chuck, em abril, pagava-se em torno de Cz\$ 200,00, preço considerado alto na época. Hoje, estes valores podem ser considerados irrisórios. Na comemoração dos 128 anos do Teatro São Pedro, dia 10 de junho, os ingressos para o show de Tom Jobim, chegaram a Cz\$ 400,00 em platêla e camarotes. Na apresentação única de Tony Bennett, e nos shows de Sarita Montiel e Sérgio Endrigo no Le Club, os preços foram



Chuck Mangione: alto preço para assistí-lo

às nuvens: Cz\$ 500,00. O pior é que mesmo assim muitas vezes é preciso correr para se conseguir um lugar. Os ingressos para ver Tom Jobim e Sérgio Endrigo esgotaram-se uma semana antes dos espetáculos.

e nos outros casos parece que a situação não foi muito diferente. Como se vê, o Plano Cruzado deu certo. Tão certo que hoje todos compram, já esquecidos de quanto pagavam há dois meses.

★ Desde o início do mês de junho, o auditório da Assembleia Legislativa foi reativado para shows e apresentações. A condição imposta para a sua utilização é que cada grupo que lá se apresente deve dar 10% de sua renda para uma instituição beneficente. Entre as promoções que já aconteceram estão espetáculos de dança, teatro adulto e infantil e recitais. É uma boa notícia para Porto Alegre, que tão poucos espaços tem para realização de eventos artísticos-culturais.

★ Porto Alegre continua a ter problemas com falta de salas e palcos para espetáculos. O Araújo Viana, por exemplo, está "entregue às moscas", já que faz muito tempo que nada acontece ali por total descaso das autoridades municipais. Outro espaço que não está sendo usado é o Salão de Atos da Ufrgs, este por motivos de reformas. Desde dezembro fechado, mas apenas em fevereiro realmente "em obras", o salão não tem data para ficar pronto. Com capacidade para 1600 pessoas, este espaço faz falta — ano passado vários shows aconteceram ali — mas nada se sabe quanto ao seu estado. Haydée Porto, coordenadora dos projetos especiais e responsável

pelo salão, diz que não pode divulgar nada, pois a reforma faz parte do "projeto cultural" do reitor Ferraz. Assim, qualquer informação sobre o andamento das obras só com o magnífico.

★ Com os ventos da Nova República, o "sucesso" do Plano Cruzado e mais recentemente a Copa do Mundo, a cidade ganhou há dois meses o Bar Brasil (na José do Patrocínio), o símbolo máximo do momento ufanista que estamos vivendo. Todo em verde e amarelo, com estrelas sobre fundo azul em diversos "cantos" do ambiente. Só por isso, o bar pode ser considerado, no mínimo, diferente. Mas o que vale mesmo é o cardápio, onde cada prato foi "batizado" com expressões bem conhecidas pelos brasileiros.

Você pode, por exemplo fazer um lanche de "reforma agrária" e "Montepios", ou pedir "cortados do Telê". O que você irá comer, na verdade, são saladas, frios e um rosbife. O cardápio já avisa que o jeton de 10% é opcional. Uma turma deste jornal que foi conferir o novo local considerou oportuno também classificar algumas coisas do bar. O chope pode ser chamado de "alagado" e o atendimento não passa de uma "repartição pública".

Adrian Alexandri